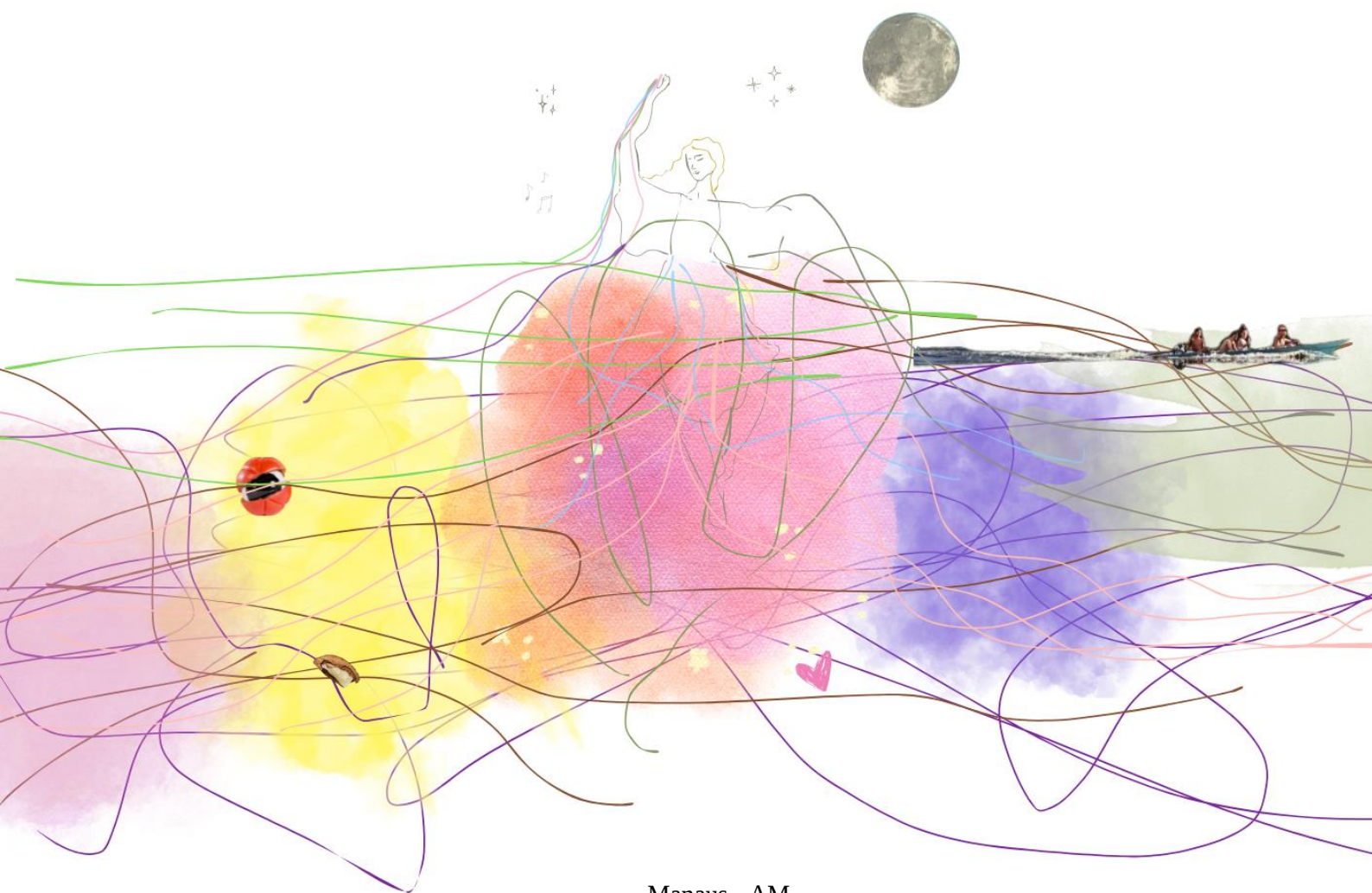


UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ - UEA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA
AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA
AMAZÔNIA

Hívina Dorzane Machado

**A ANATOMIA RIZOMÁTICA AMAZÔNIDA:
AUTOBIOGRAFIA INVENTIVA DE UMA MULHER-
PROFESSORA DE BIOLOGIA**



Manaus - AM
2025

Hívina Dorzane Machado



**A ANATOMIA RIZOMÁTICA AMAZÔNIDA:
AUTOBIOGRAFIA INVENTIVA DE UMA MULHER-
PROFESSORA DE BIOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências na Amazônia como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências na Amazônia, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Orientadora: Dr^a Caroline Barroncas de Oliveira

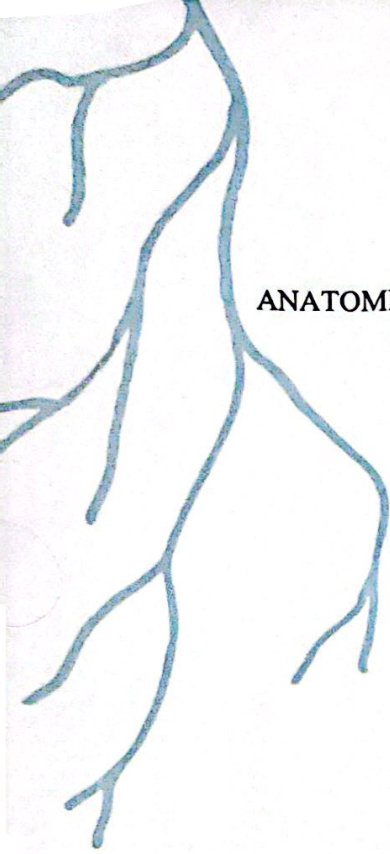
Manaus - AM
2025



Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

M149a	Machado, Hívina Dorzane A ANATOMIA RIZOMÁTICA AMAZÔNIDA: : AUTOBIOGRAFIA INVENTIVA DE UMA MULHER- PROFESSORA DE BIOLOGIA / Hívina Dorzane Machado . Manaus : [s.n], 2025. 76 f.: color.; 21,0 cm. Dissertação - Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025. Orientador: Caroline Barroncas de Oliveira. 1. mulher-amazônida. 2. subjetivação. 3. docência. 4. rizoma. 5. biologia. I. Caroline Barroncas de Oliveira (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título CDU(1997)372.85(043.3)
-------	--



Hívina Dorzane Machado

**ANATOMIA RIZOMÁTICA AMAZÔNIDA: Autobiografia inventiva de uma mulher-
professora de Biologia**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós Graduação em Educação em Ciências
na Amazônia como requisito para a
obtenção do título de Mestre em
Educação em Ciências na Amazônia, da
Universidade do Estado do Amazonas –
UEA.

BANCA EXAMINADORA

Caroline B. de Oliveira

Profª. Dra. Caroline Barroncas de Oliveira- UEA (Orientadora)
Componente da Banca Examinadora – Universidade do Estado do Amazonas

Mônica de Oliveira Costa

Profª. Dra. Mônica de Oliveira Costa - UEA (Membro Interno)
Componente da Banca Examinadora – Universidade do Estado do Amazonas

Daniela Franco

Profª. Dra. Daniela Franco Carvalho – UFU (Membro Externo)
Componente da Banca Examinadora – Universidade Federal de Uberlândia



Dedico este trabalho à Hívina de 2018, especificamente à das páginas 53 e 54, uma menina que sentia medo e tristeza, mas que sonhava e buscava potência de vida.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos serão rizomáticos, todos citados contribuíram para essa dissertação-vida, não há uma hierarquia ou linearidade.

As minhas amigas, Antonia, Ellen e Ayane que lá atrás quando eu estava titubeando para me inscrever no processo seletivo me incentivaram e acreditaram em mim.

A minha mãe, Ivana Dorzane, que percebo ao ler o quanto ela está em mim e todas as vezes que eu ouço o trecho da música da Elis Regina que diz “hoje eu sei que quem me deu a ideia de uma nova consciência e juventude, está em casa guardada por Deus” me faz lembrar dela, que me ensinou sobre coragem.

A minha querida orientamãe rs, Caroline Barroncas, que me encantou, me acolheu e segurou minha mão todas as vezes que estava insegura e perdida, foi minha guia lunar e inventou comigo novos sentidos de pesquisa, docência e vida.

Aos “vidinha”, Stivisson, Anny e Fabi, que pintamos, bordamos e costuramos juntos nossas pesquisas, um entrelaçado que deu certo.

Ao Felipe Robert, meu Fê, meu amor, melhor amigo e companheiro de vida, estava comigo na minha formação do Ensino Médio, Graduação e agora Mestrado, com ele aprendi sobre amor e família, pois ele me apresentou com a dele, Seu Rob, Dona Rose e Dedé, meus amores.

A minha professora e amiga Viviane Gomes, que foi minha orientadora na graduação e me apresentou um outro professorar, com cafés e risadas, um certo dia ela falou assim “olha nossa mestranda” e eu ainda não havia nem feito a inscrição, acho que isso fala um pouco sobre ela.

A minha analista, Luma, que me auxiliou no processo de autoconhecimento e confiança.

A minha irmã, Naná, sobrinha Lika e sobrinho Anthony.
A querida e amável professora Mônica, de olhos verdes brilhantes que é sinônimo de alegria.

A minha panelinha de Parintins, em especial Kenny, que transformou nossa tristeza em força para buscar o diferente, uma pesquisa que fizesse sentido e acabei encontrando uma outra vida.

Ao Pedro e Lídia, meus irmãos de outra mãe.

Ao grupo de pesquisa Vidar em In-tensões.

Ao Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências na Amazônia - PPGEEC, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM.

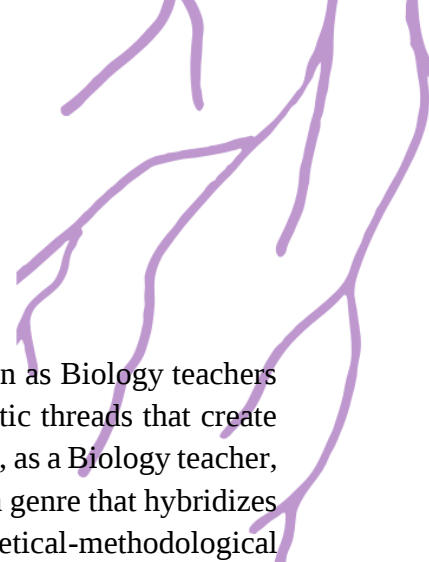
Um brinde aos encontros alegres e potentes da vida!

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo borrar os modos de ver e dizer as mulheres amazônidas enquanto professora de Biologia que se encontra com as ideias de gênero(s), a partir do entrelaçamento de fios rizomáticos que criam uma cultura de tecidos outra. A tessitura surge das experimentações de um corpo, enquanto professora de Biologia, feminino e amazônida que tenta se inscrever por meio de crônicas, gênero que se hibridiza com a vida, simples, de acontecimentos vividos rés-do-chão. O processo simbiótico teórico-metodológico ocorre com Michael Foucault, no qual se utiliza para brotar a Escrita de Si, por meio da autobiografia inventiva, ferramenta totipotente para subjetivação e invenção. Deleuze e Guattari, de seus escritos sobre o rizoma, que nos fornece um solo fértil para fundamentar os encantos e desencantos dos encontros, das conexões harmônicas ou não, da multiplicidade. Nos mutualismos com Spinoza, Nietzsche, Clarice Lispector entre outros, pensamos o corpo, para além de sua funcionalidade, categorização ou estruturação de órgãos, corpo este que não se limita a uma identidade ou gênero, apesar dos seus atravessamentos enquanto demarcado. Dessa nova anatomia rizomática que se cria, surge o desejo de sonhar a **BIO**-logia, ou seja, a vida em sala de aula e fora dela, aberta as experimentações, que se mantém curiosa e aceita o convite para adentrar o estranho, o desconhecido, o escuro.

Palavras-chave: mulher-amazônida, subjetivação, docência, rizoma, biologia.





ABSTRACT

This work aims to blur the ways of seeing and saying Amazonian women as Biology teachers who encounter ideas of gender(s), based on the intertwining of rhizomatic threads that create another tissue culture. The fabric emerges from the experiments of a body, as a Biology teacher, female and Amazonian who tries to inscribe herself through chronicles, a genre that hybridizes with the simple life of vivid events on the ground floor. The theoretical-methodological symbiotic process occurs with Michael Foucault, which is used to sprout the Writing of the Self, through inventive autobiography, a totipotent tool for subjectivation and invention. Deleuze and Guattari, from their writings on the rhizome, which provide us with fertile soil on which to base the charms and disenchantments of encounters, of harmonious connections or not, of multiplicity. In mutualisms with Spinoza, Nietzsche, Clarice Lispector, among others, we think about the body, beyond its functionality, categorization or structuring of organs, a body that is not limited to an identity or gender, despite its crossings while demarcated. From this new rhizomatic anatomy that is created, comes the desire to dream about BIO-logy, that is, life in the classroom and outside of it, open to experimentation, which remains curious and accepts the invitation to enter the strange, the unknown, the dark.

Keywords: Amazonian woman, subjectivation, teaching, rhizome, biology.



SUMÁRIO(Z)O(MA) de crônicas

Quando algo escapa.....	15
Banho de lua: Ritual de passagem	16
O grupo “vidinha”	17
Corpo mulher-professora	18
Endoidecendo	19
O vaso condutor que chega na docência	20
Cenas de uma vida amazônida	23
Infância	24
Desafios de uma professora que está a florescer	24
O imprevisto	26
Mulheres nortistas	27
Travessia da Lua: Dança dos Ventos e Memórias da Pele	28
Histórias miúdas, dimensões imensas	29
**Cultura de tecidos vegetais: disciplina de “Concepções Curriculares no Ensino de Ciências” **	30
**Rizomas de Yara: Entre encontros e desencontros	31
Humus para o rizoma aquático	32
O estranho	33
Estar rizoma	34
Escrita auto(bio)gráfica	35
Novas perspectivas	37
O Encontro com Kenny	39
Energia Amazônida	40
**Se você pudesse jantar com qualquer pessoa viva ou morta... **	41

Ensino no escuro	42
** Caderno de campo: composições de vida**	43
Três Cidades, (alg)umas vidas	44
Quando descobri que não era daqui	45
E precisa ter que ser?*	46
Bio	48
Sou? Estou? O que pode um corpo?*	49
** A mandioca-macaxeira**	50
Memórias-texto	51
Atos de rebeldia do cotidiano	52
Rizomas que viram nós na terra	56
Nervuras e rizomas: entrenós	58
O mito da Amazônia: spoiler não é só floresta, tem gente que é filho dela	59
Parintins, ilha de (em)cantos	60
Espécies de professoras (de)formadoras	61
Revisitando a pedra em que brotei	62
** Do ventre que nasce inventividade**	63
Aterror	64
Sobre contaminações, descanso e outras coisas	64
O pó fertilizante	66
Reflexões lendo o Pequeno Príncipe	67
O que regula a vida?*	68
(Des)roteiro Cultivo <i>in vitro</i> do/da professor(a) de Biologia	69
Despedida: por um até breve	70
REFERÊNCIAS	71

Começando uma cultura de tecidos vegetais, o rizoma

O ato de estranhar-se, é um processo de escrita de si, de auto constituição em meio

à desconstrução e reconstrução de uma multiplicidade de ideias que habitam em mim sobre ser e estar mulher, amazônida, docente de biologia, filha, esposa, gente. Enquanto graduanda e depois aluna de mestrado, me peguei questionando minha autenticidade como professora, pesquisadora e mulher amazônida.

Em uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia denominada “Concepções e Diretrizes Curriculares nas Ciências”, esperava algo formatado para debater os currículos, compreender sua estrutura e objetivos. Logo me surpreendi, porque o nome utilizado pelas professoras responsáveis era corpo-curriculo e buscavam-se outros modos de enxergá-lo.

Meu entendimento prévio sobre currículo vem da etimologia da palavra, derivada do latim *curriculum*, que significa carreira ou curso, diz como será a organização e ordenamento daquilo que será aprendido ao longo da vida profissional ou acadêmica (Sacristán, 2018). Inicialmente aparentava cômodo ter um roteiro/protocolo a ser seguido e não ter o trabalho de criar, pois já estava tudo às claras. Porém, nesse outro modo de ver o currículo, passei a enxergá-lo como um dispositivo, que possui linguagem, é carregado de discursos, significantes, significados e representações, entre outros elementos (Corazza, 2001), sendo assim passível de interpretações, aberto, misterioso.

Ali me deparei com o viés pós-estruturalista, me senti confusa, primeiro devido à utilização da palavra “corpo” que meu cérebro associava rapidamente ao corpo humano, segundo porque nesse corpo habitava inventividade, modos e discursos. Em suma, algo que parecia sólido, tal qual um protocolo que existe em laboratórios para fazer álcool 70% se diluiu na minha frente, eu precisaria mudar minhas lentes e desajustar a luz do microscópio para enxergar os diversos tecidos daquele corpo, e, assim, ver para além do prescrito. Não se tratava de algo maciço. Nessa perspectiva, o currículo é um documento arbitrário e ficcional, advindo de constantes negociações e jogos de poderes, aqui ele também deseja e nós questionamos esse desejo e de onde ele vem (Corazza, 2001).

Com aprofundamento teórico, passei a enriquecer no meu imaginário o que era “corpo”, e aprendi que tal discurso se transformou em diferentes momentos históricos e algumas



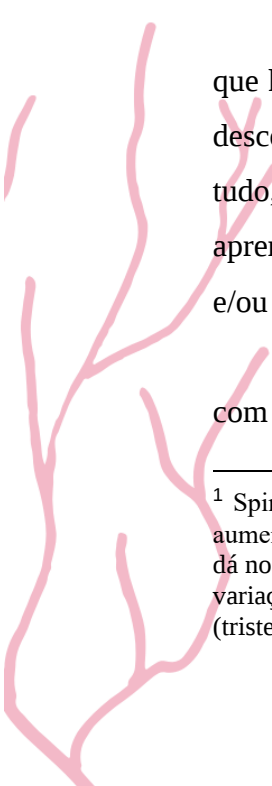
ideias coabitam. Até o século XVII havia a predominância da dualidade corpo-mente ou corpo-alma, o corpo era inferiorizado nessa disputa de qual era melhor. Após o esforço de alguns filósofos como Spinoza, o corpo, esse biológico mesmo, é visto com outros olhos, ou melhor sentido com outras sensibilidades, não só como aquele que nos leva aos pecados da carne, receptáculo da alma, mecânico, funcional e etc... (Hermann, 2023). Baruch Spinoza (2023) pensa o corpo humano como uma engenhosidade que supera as expectativas da arte e é também aquele que nos lembra constantemente de nossa finitude e distanciamento do divino, da imortalidade. Como professora de Biologia, em formação continuada pensei, como fazer que essas ideias se transbordem em vida(s) em minhas aulas? Como tecer um ensino que não se paute apenas na funcionalidade e organização do corpo? As famosas aulas de anatomia, fisiologia e educação sexual podem ser brechas para inspirar diferentes formas de pensar o corpo em temas como gênero, sexualidade, identidades, relações e tantas outras potências? São questionamentos que perpassam meu corpo inquieto e intensificam a curiosidade dessa mulher, amazônida, docente de biologia, filha, esposa, gente, a criança, que amava o desenho “de onde vem?” em que a personagem Kika de 6 anos perguntava sobre tudo e nunca estava satisfeita.

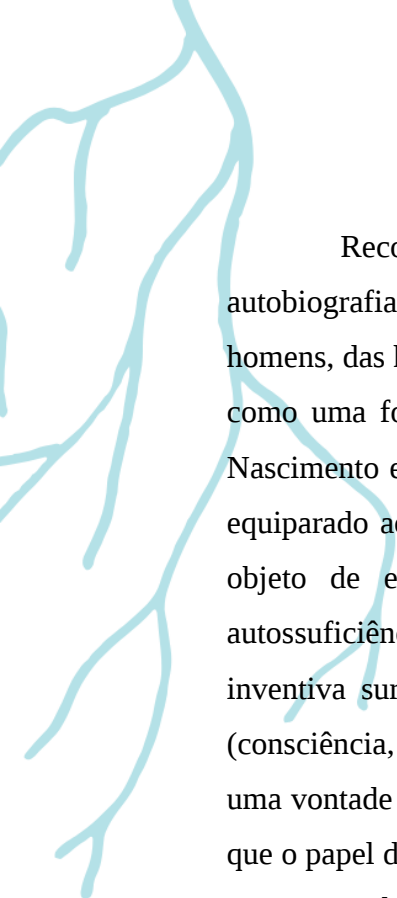
Questionar ideias sobre o corpo demarcado em papéis sociais de gênero, puir o nó de ideias fixadas e reaproveitadas pelo patriarcado, borrar esse corpo e os lugares a que ele “pertence”, identidades de “como deve ser” por outras vi(d)as, diluir a dualidade corpo-homem-corpo-mulher, a dócil, graciosa, perfeita espiritualmente ou a caixa de pandora, a que traz morte, mal, é ambiciosa. Penso o quanto os discursos de corpo e mulher são híbridos, pois em ambos os casos, há uma dicotomia, em que determinado momento o pêndulo vai para um extremo, como se não fosse possível pensar em uma multiplicidade.

Os efeitos da disciplina foram para além do contexto acadêmico, os estranhamentos que habitavam em mim ganharam força e extraviaram para todos os lados da vida. Dentre as desconformidades, a própria sensação de habitar, um corpo adulto que deveria dar conta de tudo, de saber sobre tudo e conseguir ser a pesquisadora adulta, enquanto me sentia uma criança aprendendo coisas novas. Após encontros potentes que se alteraram de variações para a alegria e/ou tristeza¹, resolvi seguir por esses (des)caminhos e fui enfeitiçada pelo estranho.

Minha intenção aqui é constituir-me enquanto professora-pesquisadora-amazônida com os emaranhados de sentimentos contraditórios e os afetos trocados com eles.

¹ Spinoza (2009, p. 98) compreende por afeto, “[...] as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”. Essa relação se dá no encontro de corpos onde são geradas as afecções, as modificações. Os afetos são potências em processo de variação; ser afetado é passar de uma perfeição menor para maior (alegria) ou de uma perfeição maior para menor (tristeza). Essa mudança expressa a variação da potência de agir do corpo.





Recorro à ferramenta da Escrita de Si, na perspectiva pós-estruturalista, uma autobiografia de (re)invenções, deslocamentos, livre da cronologia, da racionalidade dos homens, das hierarquias e formatações. Na educação, a autobiografia se destacou nos anos 80, como uma forma de valorizar as experiências profissionais do sujeito professor (Passeggi, Nascimento e Oliveira, 2016), em perspectivas tradicionais de pesquisa narrativa, contar-se é equiparado ao relembrar momentos considerados relevantes, em que a vida é tida como um objeto de estudo, onde o sujeito transcende para um estado de autoconsciência e autossuficiência (Junior, Carvalho e Sá, 2017). Porém, no pós-estruturalismo a palavra inventiva surge em simbiose com a autobiografia porque não há um lugar aonde chegar (consciência, essência, causas), não há linearidade nem hierarquia de acontecimentos, é mais uma vontade de balançar as estribeiras, as certezas e as verdades. Michel Foucault (2006) diz que o papel da escrita é transformar a coisa vista ou ouvida em força e em sangue, em que nos apossamos de um corpo escrito. Assim, serve-me como uma ferramenta de elaboração de mim mesma, rompendo com a normatividade acadêmica e é uma forma de me aproximar do outro (Rago, 2010). Em um contexto em que há pouco espaço para se criar, pensar e sentir me propago por fendas que me permitam viver a partir do meu corpo.

Ao passo que recorro a Butler ao associar a palavra inventiva à fabulosa, pois jamais poderei afirmar que essa é minha história única, verdadeira, essa é apenas uma das formas que posso narrá-la (Butler, 2015). A Filosofia da Diferença me guia em meio as fabulações, pois nela acredita-se que o princípio da natureza são as diferenças e não uma identidade, semelhanças, o estático, dado e essencialista (Aspis, 2016). A diferença comparo com a enxertia das plantas, sendo resumidamente a junção de partes vegetativas de duas espécies diferentes que na plantação tem o objetivo de unir características desejáveis das duas espécies. Porém, deslocando para o pensamento pós-estrutural, acredito ser uma forma de ter uma visão ampla do ser humano, como um CORPO que vivencia diversos encontros (enxertias) com outras espécies-corpos. Um CORPO de “muites”, frase que o Chapeleiro Maluco usa para se referir a algo que Alice perdeu, talvez em uma tentativa de se encaixar no mundo dos adultos.

Reencontrando minhas muitas, passo pelo processo de enxertia com o rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980), filósofos que tiveram a arte de cultivar rizomas sob novas perspectivas. O rizoma se diferencia da raiz, essa segunda estrutura é responsável por fixar a planta e pode ser pivotante ou fasciculada, sempre partindo de uma unidade central, enquanto os rizomas para os autores, dizem sobre a anatomia da transversalidade, multiplicidades, sendo o ponto inicial para problematizar a tradição filosófica dogmática. O

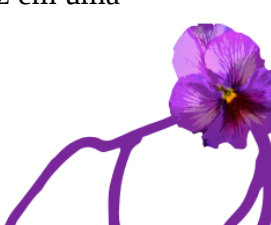


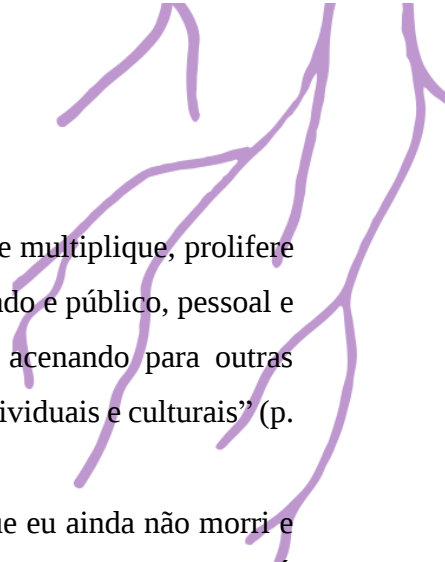


conceito de rizoma pauta-se na conexão não linear-hierárquica que fazemos ao longo da vida, múltiplo, em que não há um caule ou uma raiz principal de onde sai tudo, mas sim de rizomas que correm para todas as direções ao mesmo tempo, se interliga com outros sem ter porquê e que também rompe, quebra, tensiona (Viana, 2021). Partindo da inquietação que me move na pesquisa, questiono: De que modo as ideias de mulheres amazônidas atravessam o processo de subjetivação de uma mulher-professora de Biologia? Mobilizo-me em processos rizomáticos de autoconstituição em crônicas, em cada quebra caulinar o gotejamento de uma nova vida, em simbioses, uma invenção.

E pelas ramificações e conexões que podem acontecer, defino como objetivo geral: **Borrar os modos de ver e dizer as mulheres amazônidas enquanto professora de Biologia que se encontra com as ideias de gênero(s).** E para fertilizar a teia rizomática de conexões potentes, estudei as ferramentas da escrita de si em Michel Foucault, e os efeitos dela na minha autoconstituição como mulher amazônida docente de biologia; narrei minha constituição de mulher amazônida a partir dos encontros que tive com outras mulheres que atravessaram a minha história e rascunhei outros modos de ver e dizer as mulheres amazônidas no rizoma de uma professora de biologia e suas aprendizagens.

Trarei meus encontros com Outras, Outros e outrem na escrita de mim, uma vez que a partir das enxertias, (re)construí narrativas e fui afetada por outros discursos (Passeggi, Nascimento e Oliveira, 2016). Optamos por citar os autores e autoras com o primeiro e último nome como uma forma de evidenciar o lugar de onde se fala, para quem sabe criar uma aproximação, bem como para dar visibilidade as mulheres que compõe uma ciência-vida que em muitos espaços acadêmicos suas existências já foram negadas. Essa ideia veio à tona a partir de um encontro com revisoras de uma revista de gênero e sexualidade que nos aconselharam a citar desse modo. Assim como em momentos falarei em primeira pessoa, outro em terceira, pois nos constituímos com o outro. A alteridade, é um elemento significativo pois diz daquilo que difere de mim, que me toca de formas diferentes, o meu encontro até mesmo com o repetido, mas que nunca é igual, ou seja, é constantemente singular (Larrosa, 2011). Ao reler o mesmo texto para escrita dessa dissertação enxergo coisas diferentes da primeira leitura, ao assistir ao filme que vi na infância, vejo coisas que não via. A famosa frase Heráclito de Efesos de que não posso banhar duas vezes no mesmo rio, pois o rio já não é o mesmo, nem o homem. É uma frase que remete a alteridade nascente dos encontros e a diferença que surge na repetição. Sendo assim, essa escrita é contaminada por fungos e bactérias exógenos, repleta de interferências dos outros, da falta de controle, de ausência de luminosidade. Margareth Rago (2010), diz em uma





autobiografia somática, que não dicotomiza o “eu” e o “outro”, mas que multiplique, prolifere “desfazer as barreiras estabelecidas pelo pensamento binário entre privado e público, pessoal e coletivo, razão e emoção, o eu e o outro, subjetividade e política, acenando para outras possibilidades de compreensão das múltiplas dimensões das práticas individuais e culturais” (p. 4).

Essa não é uma autobiografia com início, meio e fim, até porque eu ainda não morri e de qualquer forma esse processo de me escrever nos papéis, nas biocolagens, no mundo! É constante e inconclusiva. Os nomes dos personagens não foram alterados para preservar suas marcas em meu coração-árvore-rizoma, essa é uma história baseada em fatos inventivos cheio de vida, me permito a sensibilidade e fabulação nessa narrativa.

A dissertação está segmentada **em FLORESCIMENTOS DE crônicas, entrelaçados de rizomas que me constituem enquanto mulher-amazônida-docente, partindo de minha inquietação acerca dos modos de ver e dizer a mulher amazônida**. Compor crônicas é um caminho que escolho pois elas partem de um lugar de afeto para mim, da simplicidade, de tirar das miudezas algo grandioso e de tirar do passageiro algo duradouro (Candido, 2003). Me preocupo em tecer uma escrita simples, desejo que pessoas que não fazem parte dos solos, terrenos, quintais acadêmicos a compreendam, como a minha mãe. Eu vim da pedra, onde palavras como “pixé, “pitiú” e “fede” fazem parte do vocabulário. Sempre quando posso reuso essas palavras, são heranças do povo do Norte. As crônicas serão banhadas por rios negros, barrentos e brancos, percorrerão por terras ácidas, secas, úmidas e cheia de matéria orgânica, me escrevo rés do chão.

As crônicas estão entrelaçadas por fios vegetais que se conectam com a possibilidade de subjetivação diante dos discursos produzidos sobre o SER mulheres-amazônidas-docentes-estudantes-pessoas para a CRIAÇÃO de outra espécie de ESTAR mulher-amazônida-docente-gente. No processo criativo, não me limito apenas ao modo escrito, digitado de me reinventar, mas também o faço com a criação de biocolagens por meio do *Canva*. Colagens, cortes, tecidos, panos, papéis, matéria orgânica. VIDA. E adianto, quando digo “mulher” entendo que é uma palavra que carrega a multiplicidade em sua própria existência. No dicionário Oxford a palavra mulher é definida como “pessoa do sexo feminino ou do gênero feminino”, mas ao decorrer da dissertação irei borrar definições, aliás escrevi “definmada” ou invés de “definida” por um erro na digitação (pressa), mas me deixo na escuta do que as palavras querem se dizer e por isso deixo, acho que cabe perfeitamente.



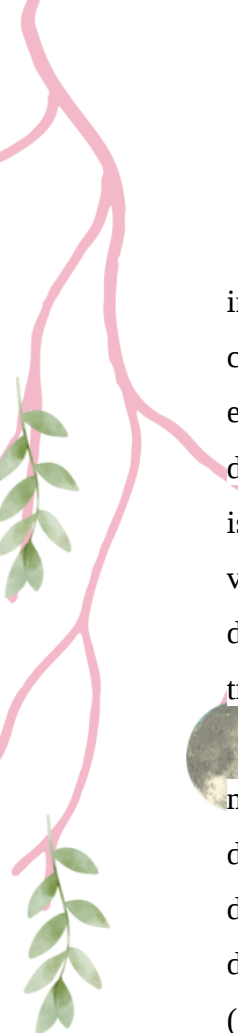
****Quando algo escapa****

Em uma das aulas de mestrado, falei inesperadamente: “Não me identifico como professora, esposa, mestranda, nada!” Simplesmente escapou, depois fiquei receosa com o que os colegas iriam pensar, estava ali expondo o meu despertecimento. Calar e falar não estão sob nosso controle, acreditamos ter domínio de nossos impulsos, pois acreditamos que temos consciência deles e tentamos racionalizá-los, entretanto, não conhecemos suas causas, apenas seus resultados (Spinoza, 2023). Aquela frase despudorada vinha de um lugar do fundo, das entranhas, do entrenó, não foi premeditada, vinha do corpo.

Penso na ilusão do tempo, passado, presente e futuro, mas vivo na atemporalidade da vida, por exemplo, quando estava ministrando uma aula no estágio-docência para alunos da graduação e pensei: “um dia desses eu estava começando o 6º ano, como eu posso estar dando aula para adultos?”. Me lembro igualmente de estar integrada a uma sala de professores, no meu estágio supervisionado, senti o impacto de pertencer a um espaço que não me cabia quando era estudante, mas era como se a estudante estivesse ali do mesmo modo. Ouvia as conversas dos professores, seus comentários sobre as aulas ou estudantes, eles não pareciam ter questões tão sérias e adultas que eu suspeitava quando fazia o Ensino Fundamental/Médio. É estranho pensar que existem padrões de como deve **ser** em determinadas fases da vida. Observando a anatomia das plantas, fiquei cismada com os nós e entrenós, logo vinculei o modo único de ser com os nós e os entrenós como o espaço que existe entre tudo aquilo que define, prende e condiciona, uma brecha para a diferença:



*"é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não
nos vemos se não nos saímos de nós"*
saramago



Sair de si para poder se enxergar de outra forma e compreender que dentro da individualidade cabe a heterogeneidade, assim como somos habitados por potenciais, de acordo com nossos desejos. No alongamento dos entrenós, floresciam as experiências subjetivas, enquanto os nós se preocupam em serem pontuais e enrijecidos e deles brotam o que foi definido. A subjetividade pode ser entendida como aquilo que nos permite experienciar e, com isso, ser tocado, afetado, atravessado de forma singular, é um constante movimento de idas e vindas (Larrosa, 2011). Idas porque somos aquilo externo a nós, o que seria sair da ilha, como dito por José Saramago, e vindas porque ao enxergar a ilha estando “fora” dela, somos transformados.



O processo de subjetivação é possível a partir da minha existência enquanto corpo no mundo, por isso, como professora de Biologia, me preocupo na pesquisa e na vida a refletir a docência por meio do meu corpo, ele estando como uma mulher-amazônida, com marcas e em devir. Sendo a escrita o fito-hormônio que estimula o processo de subjetivação, pois é por meio dela que o sujeito encontra seu espaço para BORRAR os discursos de poder e enfraquecê-los (Berto, 2018). Uma dissertação constituída de crônicas é um desafio que me propus para torcer as normas de texto acadêmico e regras dentro de mim, que sempre tentei me enquadrar, fazer tudo certo como o mandado, seguir o roteiro, o protocolo. Foi o jeito que encontrei para me reinventar enquanto mestranda-professora... É como se fosse aquele solavanco que me impulsiona, as vezes sinto que sou assim, preciso mudar tudo para conseguir dar um passo torto.

****Banho de lua: Ritual de passagem****

18 de dezembro de 2014, no bairro Grande Vitória, zona leste de Manaus. Dia do meu aniversário, completaria meus 15 anos. Era um momento simbólico, uma transição que, sem eu perceber de imediato, marcaria minha vida.

Minha mãe preparava o banho-de-lua. Um ritual para dourar os pelos. Eu a observava, atenta, enquanto ela passava a mistura espumosa em meu corpo. Suas mãos, cuidadosas, espalhavam a mistura por minha pele com delicadeza, e depois, a água escorria pelo meu corpo, retirando aquela camada branca que pinicava, e logo se revelavam os pelinhos iluminados. Após esse processo ela esfoliava meu corpo com creme e açúcar. Esse movimento de fricção, é que Daniel Calméls (2023) descreve como uma habilidade de mães calorosas, usado quando o bebe sente frio e quando a criança se machuca, um frio aquecido ou uma dor tocada. Era um ritual que me parecia simples na época, mas que, aos poucos, foi expressando um significado



mais profundo. Os corpos amazônidas são banhados, na infância tomava banho de folhas, aos 15 anos era banhada pela Lua, assim como ela tem suas fases, eu iniciava a minha.

Não lembro das palavras exatas que ela disse naquela tarde. Talvez não houvesse tantas palavras assim. Mas o que ficou gravado em mim foi algo que ia além do que poderia ser dito. Não consigo reproduzir, estava ouvindo através da pele. Aquele banho marcava uma troca de pele, uma passagem para o novo estado, guiado pela minha mãe, com gestos cuidadosos. Naquele ritual, senti que deveria cuidar de mim. Não apenas no sentido estético, de embelezar a aparência, mas de cuidar da minha existência, de entender o que significava habitar um corpo dito mulher. Quando criança, não entendia que habitava um corpo, só me percebi em um quando me olhava pelo espelho e no decorrer da vida, quando fui sendo disciplinada a ser uma mulher (Foucault, 2013).

Era como se, naquela tarde quente de Manaus, minha mãe estivesse me iniciando em algo maior, que não se explicaria com palavras. O banho de lua foi um ensinamento silencioso sobre cuidado e proteção enquanto mulher.

Agora, ao recordar aquele 18 de dezembro, vejo que aquele ritual foi um marco na minha vida. Foi o dia em que comecei a compreender que estar mulher exige cuidado do corpo. E que a troca de pele é necessária para iniciar novos ciclos. A fricção que minha mãe causava com seu esfoliante caseiro talvez fosse um acalantar prévio para as dores e frios da vida, decepções, corações partidos, alegrias, vibrações, desespero, medo, muito medo, porque agora eu cuidaria do corpo.

****O grupo "vidinha"****

De um grupo maior, um grupo menor, Gilles Deleuze e Silvio Gallo (2002) nos dizem de uma educação menor, penso como isso apareceu durante o mestrado. Como de costume, temos um grupo de pesquisa, mas dele se fragmentou um grupo menor, chamado "vidinha", percebo o grupo como um lugar criado por nós para a experimentação de nossas pesquisas-vidas, um entre meios, um entrenó. De desabafos sobre nossos estranhamentos do que lemos e escrevemos e de nos percebemos cristalizados em algumas prescrições. Mas foi possível na repetição, deixar contaminar a diferença e se criar, uma guerreira do sensível, uma mulher que também é pássaro e uma sonoridade que ouve com o corpo inteiro. Uma singularização coletiva, uma composição de Fabi's, Stivisson's, Anny's e eu's, heterogênea, que encontraram um lugar



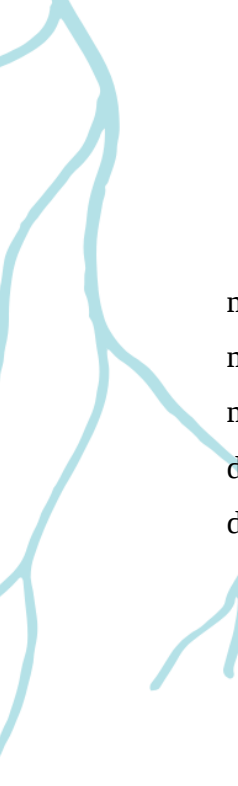
de encontro, de atos pequenos e diários que nos desterritorializa e reterritorializa, as vezes ficávamos em um grande limbo, mas surgia uma potência criadora e ética de nossas próprias vidas, produzindo novas subjetividades.

O surgimento natural do grupo, me mobiliza a pensar o devir-mulher, conceito utilizado por Deleuze como uma potência poética de nossas vidas, movimento molecular de transgressão, de diluir as dualidades e de mutualização com outros. Como disse, parecemos tão diferentes.

****Corpo mulher-professora****

Pela primeira vez, minha conta bancária recebia um valor acima de 600 reais. Quando trabalhei como vendedora de serviço de TV e internet, estagiária no Centro de Educação Tecnológica do Amazonas e depois na Iniciação Científica, nunca passava desse valor, sério, cravado! Ao iniciar as disciplinas do mestrado, sentia um turbilhão de emoções, variações de intensidades, estava realizada e apavorada, apesar de puxado, me sentia desbravando uma nova floresta. Na mania feia de me comparar aos outros, via meus colegas comprando diversos livros acadêmicos, enquanto eu era atravessada por poemas e pela vida, mutualística, viva, me indaguei diversas vezes se estou vivendo o mestrado certo? Rendeu boas sessões de análise.

Era porque eu estava curtindo demais a vida. Com a bolsa, paguei academia, nutricionista, comprei uma mesa para cozinha, pinte o cabelo e também cumpria todas as minhas responsabilidades como mestranda. Era um sonho. Por esses motivos e outros, o despertencimento estava à espreita, me olhando com grandes olhos esbugalhados, como se eu estivesse fazendo tudo errado. Me sentia culpada, era para eu estar dando a minha vida para o mestrado, a ironia é que, de certa forma, estou fazendo isso agora. A sensação vinha também quando lia lendas, via propagandas, filmes onde existia uma mulher amazônida, não me via nelas. Sinceramente, passei a me abster de sentir a regionalidade nas veias, sabe? Da nossa música, comida, calor. Ah, o calor! Eu o acho fantástico, adoro ver no aeroporto Eduardo Gomes as pessoas de outros lugares chegando, as bochechas vermelhas, suados e reclamando dele. Acho um máximo, porque o amazonense tem casca para isso. É como se fosse um rito de passagem para apreciar a Amazônia. Isso eu sinto, mas agora que essa escrita vem me mudando e me sinto mais amazônida, mais professora, mais eus..., mas, antes me questionava: sou uma mulher amazônida? Sou professora de biologia? Professora em Formação Continuada? Formulando, **de que modo, a ideia de mulher amazônida compõe a constituição de se ver e dizer professora de Biologia?**



Então as crônicas em diante muitas vão ser paridas dos estranhamentos sentidos pelo meu corpo diante das identidades únicas, da tentativa de ser estática e de me enquadrar nos modelos e representações de ser mulher, docente, discente como se tudo isso fosse separado, mas não é, tudo contorna, preenche, esvazia, entorta o meu corpo. Por isso falo por meio dele, dos lugares por onde ele passou, pelo que experienciou. Mesmo que isso me assuste, lembro das palavras de Lygia Telles:

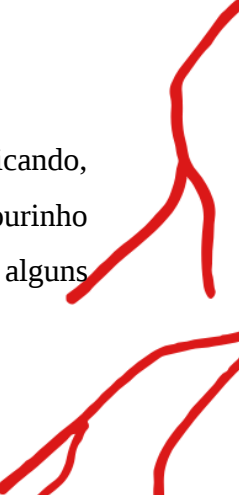
“Já que é preciso aceitar a vida, que seja então corajosamente” (2009, p.199) .

É de grande (des)conforto me (des)encontrar com a perspectiva pós – estruturalista, é uma espécie de adubo para essas sementinhas que germinam em mim há muito tempo, mas sempre tentava controlá-las para que não crescessem tanto. “Os pensamentos se propagam como ervas daninhas, não são organizados como as árvores, com hierarquia e direcionamento” (Deleuze e Guattari, 1995, p.24). Essas sensações são sentidas nas entranhas ao me deparar com esse terreno desconhecido, irregular. De sentir um alívio e um desespero, por saber que não vou mais voltar para minha zona de conforto, para meu ambiente de umidade, temperatura e luminosidade controladas, agora sigo pela diferença. Como dizia minha mãe na minha infância, eu procuro pira para me coçar.

Porque, imagine, existem parâmetros que definem o que sou e o que não sou e ajuda-me nessa grande plantação a crescer. Aí chega uma coisa e diz “é invenção”, foi quando percebi que me escrevia enquanto mulher amazônida e professora-pesquisadora, e, e, e... Não seguia um padrão, todas às vezes que me comparava, sentia que não era meu lugar, agora mesmo enquanto escrevo sinto que não faço do modo certo, pois não há, além de que, das minhas observações nas aulas de mestrado, quando se debate um artigo, tudo é passível de interpretação, tem gente que enxerga coisa que nunca passaria pela minha cabeça, mas tenho boas ou más companhias (dependendo do ponto de vista), mulheres-amazônidas ou não que me motivam a seguir por esses solos da invenção.

****Endoi decendo****

Minha mãe tem medo que eu fique doida, ela diz que quem estuda muito acaba ficando, concordo com ela. Certo dia eu estava tomando banho de mangueira, quando vi um besourinho de pernas para cima se afogando, em um comportamento automático ignorei, depois de alguns

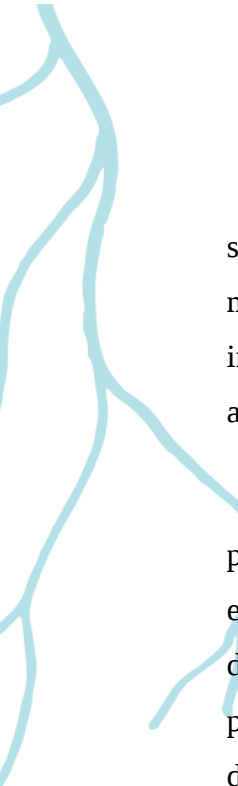


1

minutos olhei para baixo e lá estava ele, me incomodei com a minha falta de empatia com aquele bicho, pois peguei ele e coloquei na mureta, mas ele não demonstrou reação, percebi que o besouro havia morrido, tentei fazer uma pressão no seu abdômen para ver se saia alguma gotícula de água, sem sucesso. Fiquei triste, o normal é a gente ignorar os insetos, como se não fosse também vida, mas é. Logo eu uma estudiosa dos modos de vida... O estranho é isso ter vindo só agora, com a autobiografia e não com a graduação de 4 anos em Ciências Biológicas, deve ser efeito de ler Mia Couto, Manoel de Barros e outros. Vi também formigas fazendo lindos desenhos na parede, meu marido disse que devemos matar e eu retruquei “é só um modo diferente de vida”. Ailton Krenak (2020) diz que a vida está em todo lugar, é o fluxo que nos atravessa, enquanto seres, um rio já foi uma nuvem e uma nuvem já foi um rio. É como se houvesse virado uma chave e eu compreendesse que a vida está em tudo. Cresci ouvindo minha mãe falar que rio não tem cabelo, tem que respeitá-lo e depois de grande, soube que algumas etnias indígenas pedem permissão ao rio para entrar e fazer sua pesca. Em que momento foi normalizado não nos importarmos com outras vidas? Quantas vidas existem em um corpo-mulher-besouro-formiga-rio? Será que a mulher amazônica é o besouro, a folha? Ou melhor, o corpo vivo é a simbiose com a terra, os rios e as florestas. Cada respiração é o eco da vida ao redor, uma lembrança de que somos o outro e os outros somos nós. Acho que estou ficando doida mesmo.

****O vaso condutor que chega na docência****

Logo na infância eu e minha família nos mudamos para Manaus, fiz meu percurso escolar e no último ano decidi que queria ser professora, porque sempre há vagas de emprego, minha situação socioeconômica me levava a pensar assim, outro motivo foi o afeto a escola e a uma professora de Biologia, que levou minha turma para uma aula de campo no Bosque da Ciência. Professora Kelvin, possuía cabelos curtos, lisos e pretos, era pequena e delicada, mas quando falava exalava firmeza e seriedade, mas ocasionalmente tirava umas brincadeiras. O bosque é um lugar lindo, muitas árvores que colhem uma temperatura mais amena, tem a ariranha que nos causa inveja ao se refrescar no tanque, peixe-boi que nadam em câmera lenta. Os olhos da professora brilhavam de encantamento pela natureza e por estar oportunizando aquela visita. Fui contaminada, à docência, de asséptica e neutra, não tem nada. Soube que a professora tinha feito mestrado, achei chique, não conhecia pessoas da minha convivência que possuíam o título, acreditei que seria capaz de conseguir também. “Aqueles momentos em que



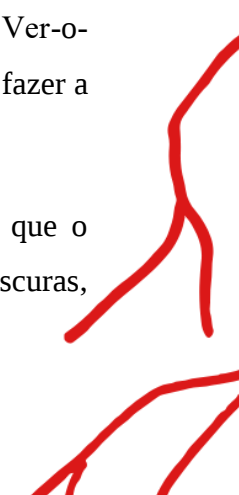
sentimos, de repente, ao lado de um professor ou de uma professora, que podemos, que podemos muito, que podemos mais, que o mundo a ocupar é nosso” (Paraíso, 2009, p. 286). Devo ser invejosa, da professora, do mestrado, até da ariranha! Só não consegui me transformar em ariranha, ainda.

Contaminada pelos encantamentos (não inveja, porque fui ver no dicionário desgosto pelo bem alheio, o meu é gosto mesmo), ingressei no IFAM em 2019 no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, comecei a desenvolver um senso da biodiversidade regional, advindo do Instituto e das pessoas que estavam à minha volta. Me sentia deslocada da minha terra, provavelmente internalizei o discurso que eu não era dali, até que vi pela primeira vez o Festival de Parintins, na televisão, observei as letras e fui me encantando pelas toadas. Aquilo era tão lindo e eu passei anos olhando para fora, não seria mais assim. Na minha docência, ia tentar instigar os meus alunos a valorização da nossa região. Algumas rupturas são necessárias, nem todas as conexões são potentes (Viana, 2021). Encantamentos, feitiços e o estranho me contaminaram.

Fiz dois anos de Iniciação Científica, meu projeto objetivava cultivar *in vitro* a castanheira, sem deixar que os explantes contaminassem, aliás, essa era uma das coisas que me incomodavam, como eu iria cultivar um ser vivo sem a presença de outros? Achei com muita dificuldade um artigo que falava sobre os microrganismos que viviam dentro das plantas e que era normal, não havendo a necessidade de jogar todo o experimento fora (Esposito-Polesi, 2020). Na época, estranhava essa reação diante do menor sinal de vida descontrolada, hoje, estranho mais ainda. Vivemos uma a-biologia? Quando estamos em sala e queremos manter tudo sob controle? Na época, guardei meu descontentamento no bolso e segui para aulas de estágio que foram fortemente influenciadas pela vontade de valorizar as espécies vegetais nativas. Meu tema de Trabalho de Conclusão de Curso se baseou nisso.

Ao final do curso, tinha meu objetivo, aquele cultivado pela professora no Ensino Médio, ingressar no mestrado, mesmo com as incertezas e medo, paguei a inscrição, tomei meu banho de ervas e meu perfume “passa no concurso” comprado anos atrás na feira do Ver-o-Peso em Belém do Pará, líquido de tom lilás com forte cheiro de álcool, enfeitiçada fui fazer a prova.

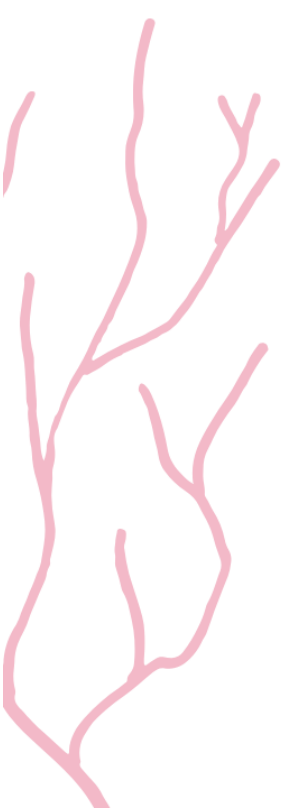
Fui aprovada com o pré-projeto na mesma proposta do TCC, mal sabia eu que o mestrado também tinha uma proposta para mim e seria mergulhar em águas barrentas e escuras,





que coincidentemente está presente na logo de pesquisa da qual faço parte, Vidar em In-tensões. Posso dizer que meu crescimento de vida veio através das conexões do emaranhado dos meus rizomas, uma história com a soma de vários “e’s”, aconteceu isso e isso, meu corpo se hibridizando, rompendo, sendo afetado por outros corpos. Os rizomas são assim, formam diversas conexões, nenhuma é mais ou menos importante que a outra, mas podem ser mais ou menos potentes e diante daquilo que nos enfraquece, é necessário romper (Viana, 2021). O que Spinoza denomina como *conatus*, o esforço para buscar encontros e relações que aumentem a vitalidade do corpo e da alma (Hermann, 2023, p. 72). O corpo que se banhou nas águas das cachoeiras de Presidente Figueiredo–AM e água salgada no mar de Salinópolis passou a ser projetos de pesquisa, graduação, processos seletivos, foram criando encontros-vida que me trouxeram até minha (de)formação como professora. E quando digo encontros, parto da perspectiva da experiência do meu corpo com o redor, é se fazer rizoma, se conectar, cortar e se lançar em outros corpos (Rigue, 2021).

Em minhas vivências foram se constituindo teias de multiplicidade e ao estar professora, faço isso de modo coletivo, ao acordar e tomar café da manhã com meus sogros, ao caminhar para escola quando era criança com minha mãe, ao ser orientada por professoras e ao tecer escritas com meus amigos do mestrado.



****Cenas de uma vida amazônica****

garça namoradeira. belém, pitiú. asfalto.
concreto. corpo..



****Infância****

Para não dizer que não falei da infância. Minha orientadora disse que a Hívina criança não aparece, bom, ela está aqui constantemente. Até pensei se a traria dessa forma, não sei se guardo propositalmente ou se ela está mais viva do que nunca. Estar criança é imaginar, quando morava em Itacoatiara, tomava banho dentro da caixa d'água com minhas irmãs, ali era um mundo, de sereias, monstros e ondas. Ouvia as músicas da minha mãe quando ela ia arrumar a casa, Bruno e Marrone, Calcinha Preta, Joelma, Leonardo e quando tocava "Carla" era uma euforia, era a música da minha irmã, Karla. Tinha uma amiga de rua, Natália, também tinha a minha aceroleira, ela era uma parte minha e eu dela, minha mercearia, "mercearia Hívina" era o nome. Não gostava de dividir minhas coisas, gostava que elas fossem apenas minhas, amava a Cinderela. Gostava de folhear um livro na casa da minha avó Luzia, não sabia ler, mas tinha desenhos de palitos. Aos sábados, comia um pão que era queimado na boca do fogão antes de ir para a igreja e me vestia de princesa com minha prima, Lúcia. Assistia Floribella, até hoje ouço as músicas para cantar. Chamava meu tio de "Hescusles", falava *piquizá, ósculos, sobacelhas*. Quando perdi uma moeda de 50 centavos na rede, voltei para procurar e perguntaram se era prata ou dourada, eu respondi "transparente". Minha mãe gostava de dormir à tarde e, para não se preocupar comigo, queria que eu dormisse junto dela, me colocava em cima de sua barriga, era como se eu tivesse deitada em um planeta, com resistência, pegava no sono.

Depois que vim para Manaus, ficou solitário, mas criança contorna a solidão, brincava com as formigas e acompanhava o crescimento de um maracujazeiro, eles se entrelaçam a tudo. Sempre gostei de resolver as coisas, uma vez tentei grudar a antena com cola mil para funcionar melhor e grudei meus lábios sem querer. Meu avô Chagas me ensinou a ler, ele tinha toda paciência do mundo, mesmo com sua voz fraca, estava muito doente, tossia demais e em um dia ele partiu. Ainda me lembro, minha mãe recebeu uma ligação de madrugada e foi se despedir. Talvez tudo isso tenha sido tão fugaz, a maioria dos personagens dessa história já nem existe mais. É como se eu tivesse vindo de um lugar inventado, só há poeiras, folhas secas e fósseis. Mas todo dia, eu sigo rastros imaginários.

****Desafios de uma professora que está a florescer****

Na minha docência, sem experiência além dos estágios, com roupas ditas adolescentes, me vi em um paradoxo, com um diploma afirmando que sou professora. Para mim, o que batia era a artificialidade de ter que ser de tal forma e ter que agir de tal maneira. No trabalho de

1

Juliane Souza e Viviane Dias (2022), a identidade docente parece estar pautada em alguns critérios, como a assimilação dos conteúdos curriculares, boa oratória, troca de experiências com outros professores, possibilitados por programas de iniciação à docência. Além disso, tem as palavras-chave associadas ao professor, “reflexivo, crítico, tradicional, inovador, pesquisador, etc.” como se houvesse um protocolo a ser seguido para se tornar um professor. Quando digo que sou professora de Biologia, automaticamente esperam que eu saiba o nome científico de cada espécie de ser vivo, é gerada uma expectativa. Mia Couto, biólogo de formação e escritor, conta sua intercala entre as duas paixões, afirma que não mora o tempo inteiro na casa da ciência e, quando está em um ambiente literário “demais”, puxa o chapéu de biólogo (2011, p. 29).

Carolina Mellini e Daniel Ovigli (2020) indicam que a identidade do professor de Ciências se dá a partir das relações sociais e dos saberes docentes e, com isso, ocorre o aperfeiçoamento. Fernanda Rossi e Dagmar Hunger (2020) dizem ser urgentes ações para fortalecer laços entre os docentes, para criar um senso de pertencimento. Problemático uma coisa, será mesmo necessário a constituição da identidade docente, quando em nossas experiências com outros professores nos levam ao estado de não-identificação e estranhamento? Talvez devêssemos deixar de querer adotar uma identidade docente e passar a enxergar essa prática como um modo de existir no mundo, uma experimentação de nós mesmo, deixar puir o nó que nos prende a práticas de ensinar e aprender e deixar germinar modos de existências singulares, uma docência criadora (Munhoz, 2022). E penso, qual o objetivo de aprender em coletividade e ser criada uma identidade docente? Homogeneização? Sujeição? Ter uma tabela para que os colegas de profissão possam te avaliar? Não está sob nosso controle, o ser humano é altamente volátil, por agora me preocupo em refletir sobre os encontros em um processo de subjetivação e devir.

Da minha sensação de DESdocência reconheço a pandemia da COVID-19 como influência de enfraquecimento da minha anatomia docente, não tive oportunidade para participar de projetos voltados para a sala de aula, me senti condicionada a pesquisa em laboratório. Tive que me reinventar, fiquei em estado de dormência, como algumas sementes fazem, até ter as condições favoráveis para brotar novamente. Mas quem sabe tire alguma coisa boa disso tudo, há uma certa ignorância em quem se sente formado, se acha pronto, detentor da verdade. Eu não acho isso, acho que nunca me sentirei com essa pompa toda. Me sinto uma *professoramazonida* no escuro. Uma professora criada em laboratório que experimenta

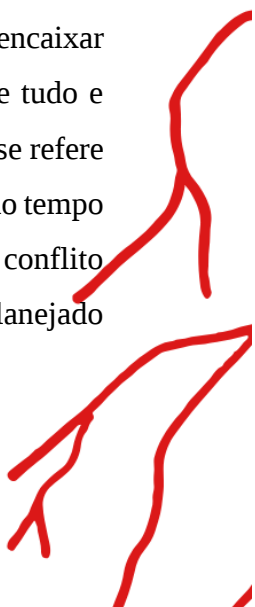


na base da tentativa e erro, não busca comprovar verdades ou fórmulas, mas que sonha com outros modos de ensinar Biologia. Mia Couto (2009) problematiza a ideia de uma Ciência plantada na aridez, que se nega aos solos férteis da leveza e da beleza, ou seja, dos encantamentos. Ao invés de buscar respostas, Couto se preocupa em estar próximo das dúvidas e considera a Biologia uma indisciplina. Gosto quando ele diz nesse ensaio que a biologia é um modo de nos descentralizar, ou trazendo para o rizoma, de se desterritorializar para se reterritorializar em outros seres, outros modos de vida. “Se permitir ser encantado para atravessar o tempo e se transmutar em diferentes expressões da natureza, no material e imaterial” (Simas e Rufino, 2020, p.07). Será possível um corpo-professora de Biologia que seja constituído por multiplicidades de vida? Que vê com olhos de guaraná, que escuta com a pele, que se transforma em peixe, mandioca, rizoma?

****O imprevisto****

Em 2021, estagiava como professora no ensino fundamental II me encontrava perdida, mas continuava a seguir por aquele caminho, era apenas um raminho. Ao chegar o momento de ministrar aula, acontece um imprevisto, a sala de vídeos estava reservada para outro professor e minha aula estava toda salva em um *pendrive*. A solução encontrada foi unir as duas turmas de 6º ano. Se já estava aflita em desenvolver minha primeira aula da vida com uma turma, teria então que lidar com duas de uma vez. Entrei na sala fria e escura, olhos esperançosos me fitavam e dois professores aliviados por se livrarem de duas turmas. Se o ambiente estivesse em total silêncio, daria para ouvir um chocalho, ou seja, meus ossos tremendo, a atenção dos alunos se dissipou e começou a vibração de estarem todos reunidos. Aos trancos e barrancos² consegui a atenção dos alunos e fingi naturalidade enquanto ministrava a aula. Os alunos foram receptivos e se sentiram à vontade no decorrer da atividade, e isso de alguma forma me tranquilizou.

Quando estava na graduação, idealizava um modelo de professor e tentava me encaixar naquilo por meio do comportamento, até porque eles sempre parecem no controle de tudo e sabem de tudo. Ao ler Raquel Gouveia (2012), encontrei a palavra corpo-comum, que se refere àquele automatizado, treinado e condicionado a refazer os passos aprendidos ao longo do tempo e é apenas em parte consciente e sensível (Deus o livre de ser totalmente sensível). O conflito começa quando não se pode/consegue refazer esses passos, porque as coisas saem do planejado



² Expressão utilizada para situações difíceis.

1

e é isso, as coisas escapam! Como lidamos com o imprevisto? Eu tive que me conectar com a sensibilidade do meu corpo para recriar a aula. Primeiro, acalmei os ossos tremendo por meio da respiração, enxuguei as mãos suadas, senti o ambiente, ia improvisar. A improvisação é possível quando o corpo está aberto para as experimentações, sensibilidade, consciência e fluxo da vida (Gouveia, 2012). Se eu tentasse seguir o roteiro estabelecido, aquilo ia virar um grande nó, a rigidez do planejamento iria coagular, impedindo a seiva de percorrer os vasos (des)condutores do ensino. Mais tarde, em trocas de conversas com colegas de profissão, percebi que a improvisação está no fazer docente-gente, em sala de aula e na vida. Foi necessária uma pele que permeasse o novo, o desconhecido (Chaves, 2022). E daquela experiência gotejou seiva bruta e não elaborada, um líquido fluido, translúcido, que facilmente evapora ou penetra. Beatris Freitas *et al.* (2023) aponta a incerteza como parte da experiência educativa, o conhecimento como dinâmico e em evolução, Marlucy Paraíso e Maria Caldeira (2018) pensam a educação em Biologia como um território político, ético e estético incontrolável, um terreno de escapes em que surgem percursos inusitados, um lugar fértil para brotar esperanças. Será isso que jorra no fazer/estar *mulherdocente*?

****Mulheres nortistas****

As mulheres tiveram e têm papel significativo na minha vida, fui criada por uma e, em diferentes fases, tinha uma tia e/ou uma avó participando da minha criação. Sempre fui atenta aos ofícios delas, cuidam de alguém, preparam os alimentos e organizam a casa. Judith Butler (2018) nos ajuda a pensar como esses papéis atribuídos às mulheres não são naturais ou essencialistas, mas performativos — reiterados por normas culturais que governam as interpretações do corpo e do trabalho feminino. Assim, a casa e o cuidado não são “destinos biológicos”, mas territórios históricos onde os discursos de gênero moldam e sustentam as performances cotidianas. A geração de mãe e avó, depois delas, tem as tias, que tiveram acesso à educação, se formaram como professoras, saíam cedo para trabalhar e chegavam tarde, diferente da primeira geração, que ficava em casa, trabalhando também. Minha avó, Luzia, nasceu no baixo Amazonas é uma mulher negra com traços indígenas, o sonho dela era ter os cabelos enrolados, mas era escorrido, cabelo de “índio” como dizia. Luzia era uma mulher de força e determinação, características que marcaram sua trajetória de vida. Ela era respeitada por sua firmeza, uma característica semeada em todas nós, as mulheres almeida-dorzane.

Praticante de uma religiosidade de matriz africana, Luzia nutria sua espiritualidade com sabedoria ancestral, mesmo enfrentando críticas e incompreensões dentro da família. Ela encontrava força e equilíbrio em suas práticas, que alguns viam como "mexer com magias", mas para ela eram formas de se conectar com a natureza e com os ensinamentos de seus antepassados.

Na roça, Luzia se transformava. Com um chapelão de palha, terçado na mão, gostava de fumar seu tabaco enquanto cuidava da terra. Era nesses momentos, cercada pela natureza, que ela parecia semear vida, alimentando tanto a terra quanto a própria alma. Luzia, em sua fase anciã, era como a lua cheia: um grande mistério para mim e continua sendo. Em conversas com minha mãe no natal de 2024, senti em sua fala o carinho ao falar de minha vó, que pra mim é uma pessoa distante, a versão que guardo dela é a de infância, enquanto minha mãe carrega uma parte dessa anatomia rizomática mais afetiva.

****Travessia da Lua: Dança dos Ventos e Memórias da Pele****

Lunar.	Feminino.	Samurai.	Chapéu de palha.	
Terçado.	Fluir.	Voar.	Gravidade.	Roça



Quando eu ia para o sítio, gostava de capinar e mexer com a terra, me comparavam com ela, eu amava, pois a tinha como um samurai, uma figura mística. Dela nasceu Ivana,



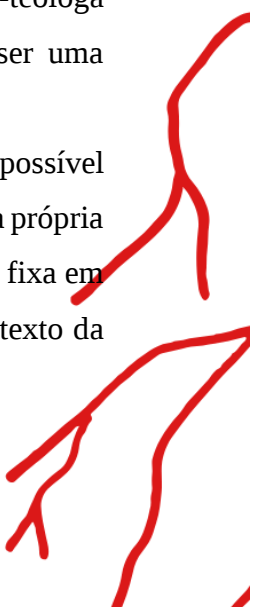
minha mãe, tenho o nome parecido com o dela, o que faz me sentir a planta-filha, mas vocês acreditam que ela me deu esse nome não por causa dela, mas porque ela conheceu uma menina que possuía esse nome e era lindíssima e queria que eu fosse também? Mas eu prefiro a história que leva meu nome, é a ramificação dela. Retornando para as características de Ivana, ela tem olhos de brasa, cabelos tingidos de loiro, que combinam com suas joias douradas, é mais doce que minha vó, antes era explosiva, brigalhona, agora é delicada como uma flor que se fecha ao anoitecer. Minha avó é mestre na sabedoria do campo, do roçado e da criação de bichos, cura a garganta inflamada enrolando o algodão no dedo com andiroba e copaíba e passa na garganta e no banho de folhas para tirar quebranto³ ou chatice. A vida dessas mulheres e de tantas outras me mostram como é possível refazer as fronteiras do gênero mesmo a passos pequenos. Acho que o tempo é como a noite que chega para as flores e permite que elas se curvem para dormir. Minha avó e mãe foram amaciadas, serenas. Também espero a minha noite.

****Histórias miúdas, dimensões imensas****

Dia 13 de agosto de 2024, estou lendo um texto da Margareth Rago (2010), enquanto meu sogro, Rob, fura uma parede e ouço marteladas do revestimento do meu banheiro sendo colocadas. É curioso que a gente não imagina o que a pessoa estava passando enquanto escrevia um texto. Às vezes temos aquele pensamento de que ela está em um lugar calmo, silencioso e tranquilo, escrevendo as coisas mais belas, poéticas e intelectuais. Mas na realidade, o som ambiente pode ser: “comparamos seu ar condicionado velho queimado”, choro de criança, barulho de obra, uma TV ligada no volume mais alto passando as piores notícias (esse último, sei bem...). Lembrei-me do que escutei em uma reportagem sobre a Lispector, que contaram que ela escrevia com seus filhos chorando e ela fazendo as coisas de casa. Voltando para o texto, nele é contado um pouco dos desafios que Ivone Gebara, freira-feminista-filósofa-teóloga encontrou ao escrever uma autobiografia, é falado de um sentimento de parecer ser uma narcisista intelectual ao escrever sobre sua história.

Quando me foi proposto escrever uma autobiografia, queria fugir o mais rápido possível para as colinas, fui tomada pelo sentimento de Gebara de que parece pretensão contar da própria vida, como se fosse algo importante. Pode-se ter duas ideias de autobiografia, a que se fixa em uma identidade e centraliza um sujeito, e a outra que me encontro e foi pontuada no texto da

³ Superstição popular sobre mau-olhado.



1

Rago, como uma prática de construção da subjetividade e de si, um processo de (se) tornar história, o pessoal e comum (Rago, 2010). E na invenção de tornar-me história surgiram as crônicas, pois elas se conectam com o que desejo, “sua potência é de mostrar no miúdo a grandeza, beleza ou singularidades” (Candido, 2003, p. 89). Elas partem do comum, do simples e do superficial, é um gênero menor. E a minha história é pequena.

A palavra superficial pode causar espanto, pois nos é colocada como o inverso do profundo, de modo pejorativo, mas não no pensamento deleuze-guattariano. Os filósofos, ao construírem a ideia de rizomas, o propõem pautando-se na superficialidade, veja, o superficial não quer dizer falta de profundidade, mas que possui ampla dimensão, platô. E quanto valor possuem histórias simples, cotidianas, pessoas e momentos pequenos, mas imensos. O que será que acontecia enquanto Margareth Rago e Ivone Gebara escreviam?

****Cultura de tecidos vegetais: disciplina de "Concepções Curriculares no Ensino de Ciências" ****

Era metade de abril de 2023, quando a professora Caroline Barroncas enviou um e-mail com a ementa e os textos-base da disciplina de "Concepções e Diretrizes Curriculares em Ciências". Já estremeci, mal tinha terminado o artigo da disciplina anterior e já tinha novos materiais para ler. Cheguei a ter dúvidas se havia me inscrito no mestrado ou em uma maratona, em certo ponto é difícil ver a diferença.

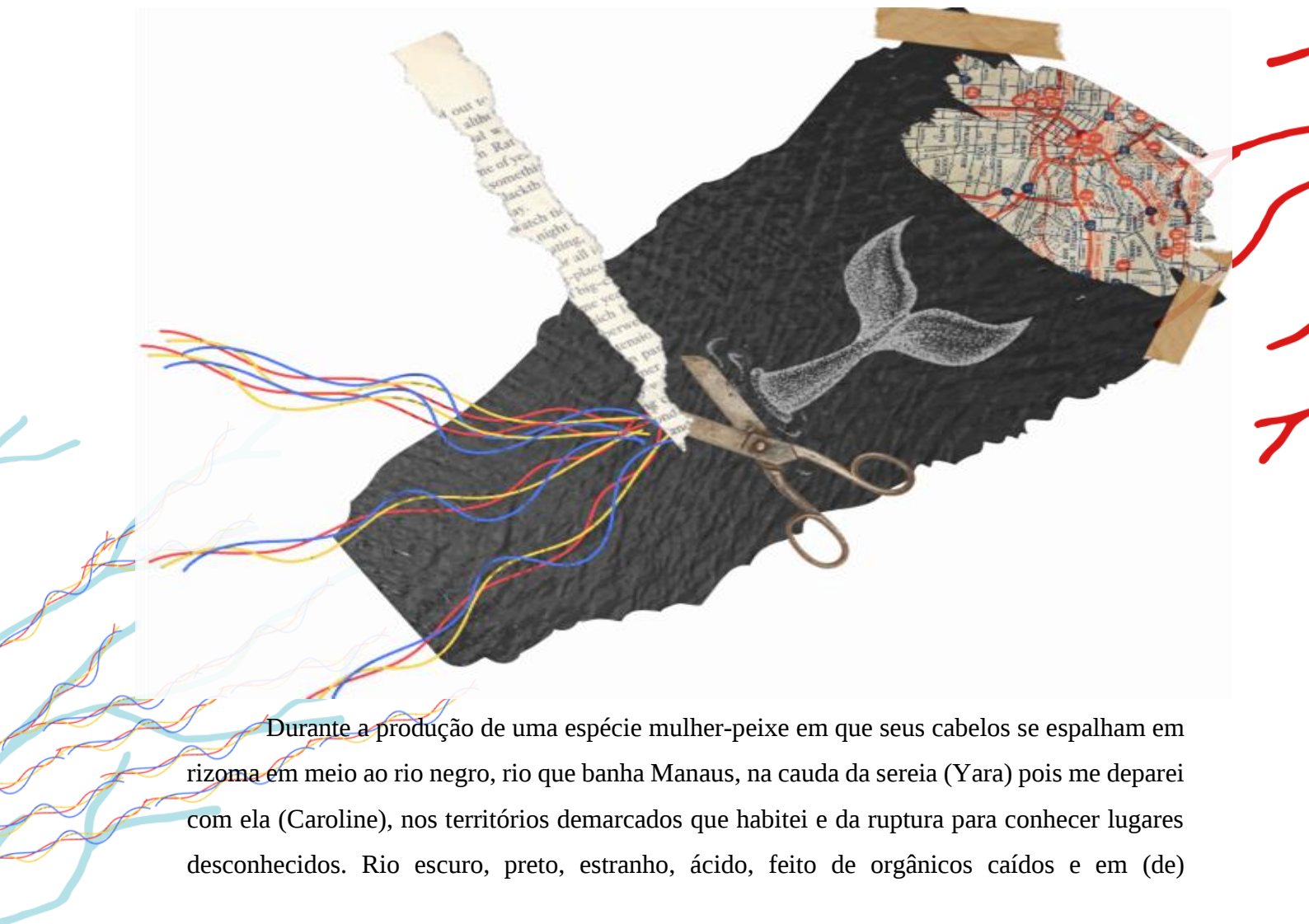
Os dias que se seguiram foram tortuosos. Com a cabeça enterrada na tarefa de concluir um artigo, a expectativa das novas aulas crescia em mim como uns espinhos. E então, o início chegou, não tinha para onde fugir. Era manhã, e Manaus tinha um sol para cada habitante. Pense num calor, pessoas de um lado para o outro apressadas indo para seus afazeres e o trânsito caótico da Av. Djalma Batista.

Finalmente, cheguei à Escola Normal Superior - ENS. Ao cruzar a porta, o contraste com o caos lá fora era imediato. A sala era calma, um refúgio isolado do restante da cidade. Ali, sentadas, estavam as duas professoras que guiariam a disciplina. A primeira, loira, de cabelos enrolados, olhos verdes que brilhavam e um sorriso que transbordava alegria: era a Profª Mônica Costa. A outra, de cabelos lisos e pretos, também receptiva, mas de um jeito contido: era a Profª Caroline Barroncas.

No decorrer das aulas, os corpos foram alimentados por café fresco, bolos e pães. As linhas tecidas pelas professoras entrelaçavam acolhimento, intimidade e saberes, conseguiam até fazer os alunos esquecerem do calor e do mestrado-maratona. Sofri por antecipação. Aprendi sem ser ensinada sobre um gênero de docência em que se considera as relações humanas, em que há espaço para o sensível e poético (Cardoso, 2020).

Essas manhãs na ENS, de convite a ler Manoel de Barros, Clarice Lispector e tantos outros dobraram e rasuraram a disciplina de "Concepções Curriculares" em algo mais que uma etapa acadêmica. Foram momentos que lembrei porque tinha entrado no mestrado, mas quando acabou, me esqueci de novo.

****Rizomas de Yara: Entre encontros e desencontros****



Durante a produção de uma espécie mulher-peixe em que seus cabelos se espalham em rizoma em meio ao rio negro, rio que banha Manaus, na cauda da sereia (Yara) pois me deparei com ela (Caroline), nos territórios demarcados que habitei e da ruptura para conhecer lugares desconhecidos. Rio escuro, preto, estranho, ácido, feito de orgânicos caídos e em (de)

composições de um marrom com laranja, o que tem no fundo? Corte, ruptura, rasgar, se rasgar, remendar, nada, nadar, territórios, descaminhos.

****Humus para o rizoma aquático****

Tive um encontro com a sereia Yara, foi no mestrado, ela atende pelo termo orientadora ou professora, me apresentou fontes de água: Michel Foucault, Gilles Deleuze, Filosofia da Diferença. Na verdade, não foi tão poético assim, mas como eu disse, é uma autobiografia inventiva. Ela me incentivou a pensar em outro modo de (ins) es-cre-ver –se e isso me potencializa a tentar ser outra coisa, além do pré-determinado ou fixado como o jeito dito “certo”. Aliás, Carol, tem um pouco disso, no seu modo delicado, ela enfeitiça a gente a sair dos vasos, seus olhos castanhos possuem brilhinhos em volta, sorriso de cunhatã⁴ e cabelos longos lisos, parece um reencontro com uma amiga de infância que é aquela que nos magnetiza a fazer peraltices. Talvez ela seja sereia Yara, mulher-peixe, mãe d’água, guerreira que foge para nadar nas águas da docência, mas prefere o Rio Negro, se esgueira pelo escuro.

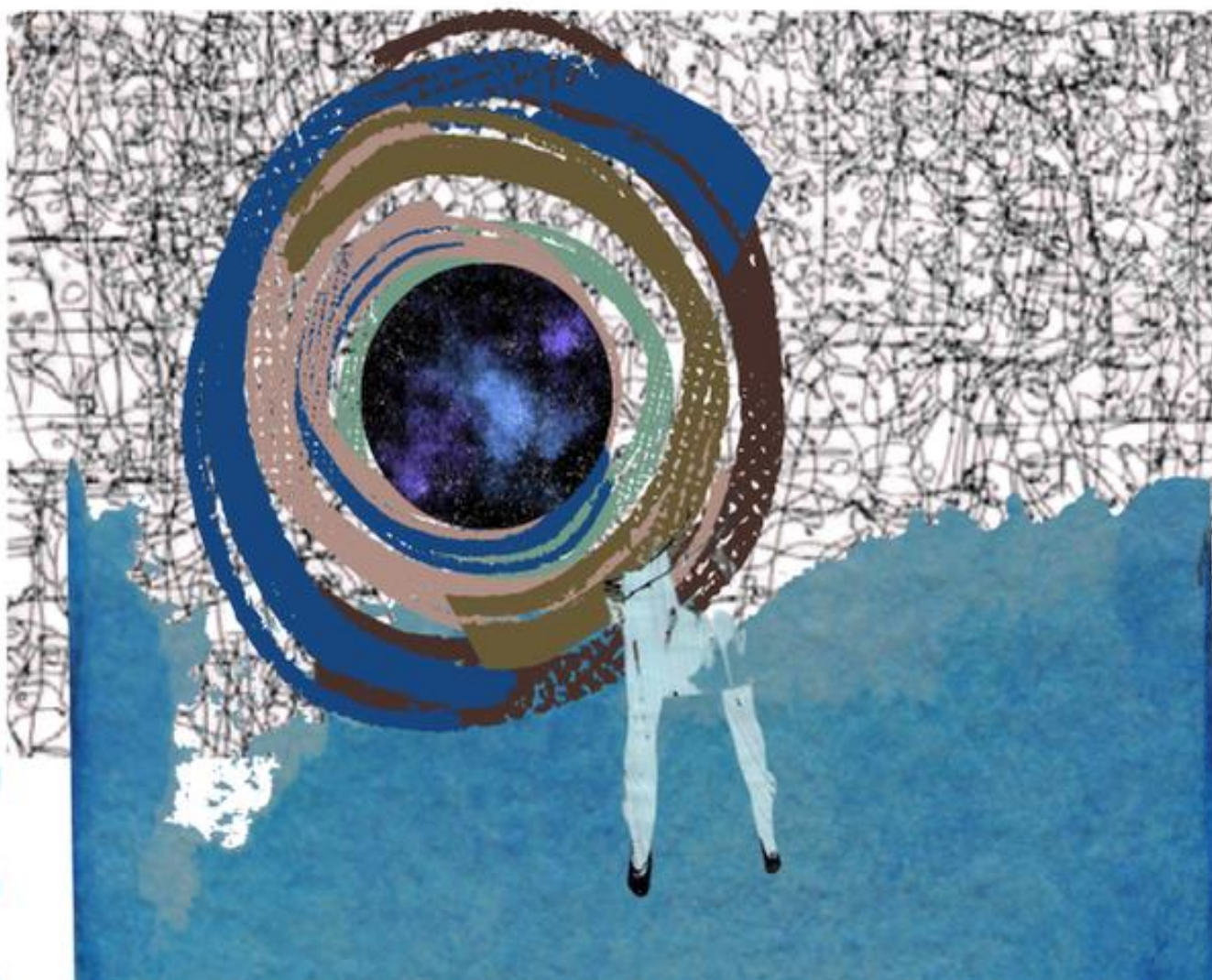
E nesse encontro é gerada uma pesquisa que desobedece a tudo o que havia aprendido durante a graduação de escrita científica, no qual a estruturação de textos passa para segundo plano e brotam novos rizomas. Aqui se infringe normas, ordem, costumes, tradições, tudo que regula. Em um dos meus caules sinto a terra fofa e aerada, ela é úmida e tem cheiro de vida em decomposição, ouço barulho de água, essa terra é escura e não firme, tenho medo de cair, já não enxergo tanto, não tem verdade, me distanciei da raiz principal, fico com medo em estar rizoma. E pode uma docência acontecer na obscuridade? Ao invés de dar à luz e se fundamentar na racionalidade? Pode uma pesquisa sobre a formação de professores romper por meandros? Pode uma pesquisa não ter respostas?

Não há caminho, me quebrei ao tentar achar um, o que posso fazer é tentar me hibridizar com outras espécies, Deleuze, Guatarri, espécies estranhas que falam outro idioma, Spinoza, suave, Foucault, sem comentários, Nietzsche, mandrágora, Clarice, água viva. Autobiografia, vish... falar da vida, mas isso é tão sensível e visceral, ainda tenho espinhos em meus caules, não vou deixar à mostra meus floemas, o líquido nele vai transbordar e pode ser pelos olhos, pela pele! Mas sou eu. Meu corpo. Minha formação, gente. Beleza, olha essa escrita sensível, fala de família, encontros e pode isso? Afeto? Amor, alegria, tristeza, dor? Não é acadêmico o

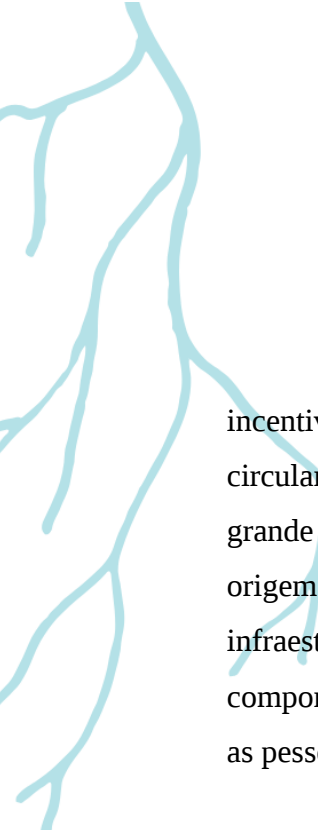
⁴ Segundo o dicionário, Priberam possui origem da língua Tupi e se refere à menina ou mulher jovem, também usamos o termo curumim para menino.

suficiente! Cadê os procedimentos metodológicos? É tudo junto? Teórico-metodológico como unidade? Isso vai contra tudo que aprendi, cadê a neutralidade? Esse solo tem muitas variações de pH, cores, pedrinhas, o jeito é inventar.

****O estranho****



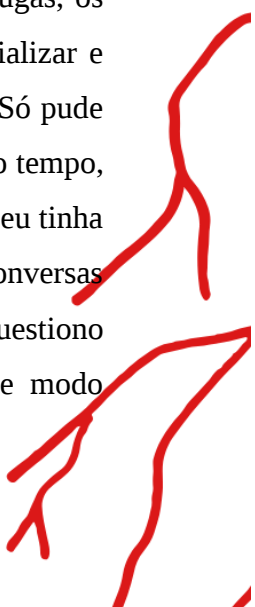
****Estar rizoma****

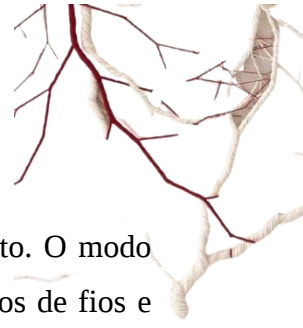


Se reinventar é um exercício difícil, requer coragem e criatividade que não nos foi incentivada, ou melhor, que nos foi retirada nesses espaços acadêmicos/escolares no qual circulam ideias de como devemos ser e agir. Ou mesmo antes disso, quando foi plantada a grande árvore do dualismo e da dicotomia, onde se é uma coisa ou outra, em que se busca uma origem, a raiz, a ordem. Daí pode-se ver a tentativa de padronizar os sujeitos, a própria infraestrutura da escola é feita para a manutenção da hierarquia, da ordem e controle do comportamento (Foucault, 2014). Mas, há sempre as diferenças, aquilo que deforma, observo as pessoas, os animais, as árvores, até o entardecer é sempre diferente.

O *modus operandi* que segui assim que fui apresentada à Escrita de Si, foi tentar buscar modelos para me basear, pois aprendi que na ciência existia um padrão, uma verdade, uma plastificação a nos conter. Mas, ao buscar por modelos de escrita pela invenção de si, não achei, na verdade, encontrei singularidades e criações. Compreendi que essa ferramenta teórico-metodológica é, apesar de parecer óbvio pelo nome, subjetiva, aberta e fluída. É um processo de singularização! Isso porque, na narrativa de si, busca-se alinhar o olhar do observador externo com o olhar interno que se direciona para si, uma co-criação de transformação contínua. Não se trata de uma escrita independente e isolada. Mikhail Bakhtin que propõe a singularidade como dada e construída a partir da relação com outros seres, pontos de vistas (Seidel, 2022). É um movimento de reflexão e avaliação das experimentações do dia a dia à luz das regras de uma técnica de vida (Foucault, 1992).

Além de fazer uma escrita Autobiográfica pela reinvenção, escolhi fazer isso de maneira rizomática, sendo a ação constante de habitar um terreno, sair dele e passar para outro terreno. Não é ser nó, ponto, é estar linha abstrata em busca de fugas ou desterritorialização, é sentir na pele a desestabilidade do ambiente, da natureza e de nós mesmos e viabilizar que a seiva da multiplicidade passe por nós e siga seu fluxo (Deleuze, 1995, p.49). As linhas de fugas, os caules rizomáticos, são preservados para que eu possa me territorializar, desterritorializar e reterritorializar quando necessário. É estar disposta a ser esticada, torcida, quebrada. Só pude compreender o termo “teórico-metodológico” quando iniciei a escrita. Pois, ao mesmo tempo, em que me aprofundava nas leituras de Foucault, Deleuze e Guattari e outros autores, eu tinha que estar aberta a experimentar metodologicamente estar rizoma, no cotidiano, nas conversas aleatórias, nos encontros do grupo de pesquisa, nas relações, na **VIDA**. Por vezes me questiono se estaria em contradição uma escrita autobiográfica, mas sei que não a faço de modo





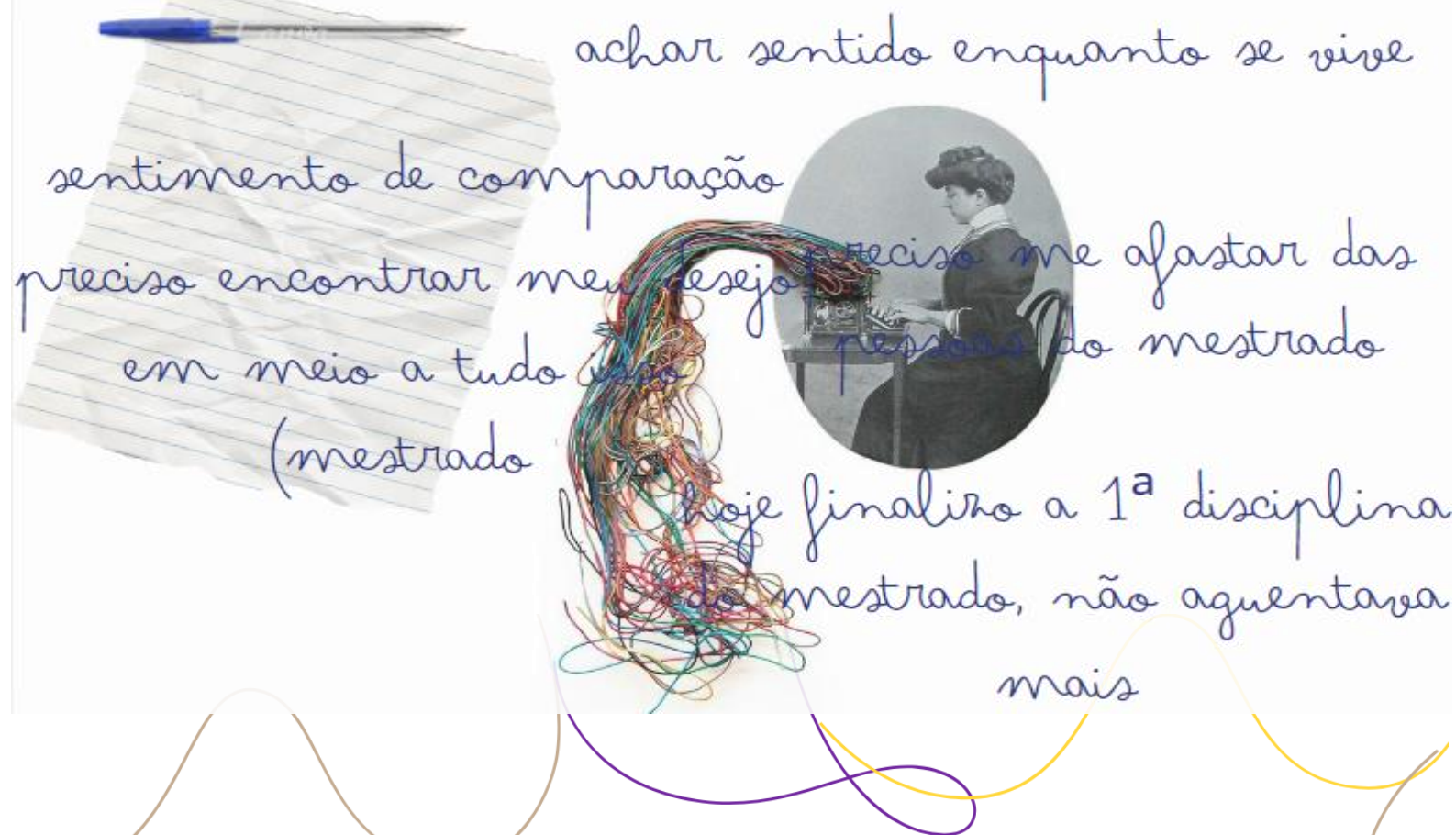
tradicional, onde eu seria a raiz e teria meu início, meio e fim, a causa e o efeito. O modo inventivo amalgamado com o rizoma transforma essa dissertação em emaranhados de fios e fios que não começam nem terminam em mim. Não há como decalcar o rizoma e a Escrita de Si, não existem representações ou moldes porque para isso seria necessário assumir que existe uma forma certa, uma verdade fixa (Corazza, 2001), uma raiz. A vida não cabe em vasos ou tubos de ensaio, ela transborda e acontece, inscreve-se!

****Escrita auto(bio)gráfica****

Quando comecei a espalhar meus rizomas pelos solos da autobiografia aprendi que existem diferentes modos de fazê-la, em uma visão clássica, a identidade e a essência são os alicerces, o sujeito da pesquisa, dito moderno, é a fonte de todas as verdades e narra sua história, aquilo que passou (Oliveira, Costa e Aikawa, 2023). Com a virada linguística, surge a pesquisa autobiográfica pela invenção de si, esta compreende que o discurso é o protagonista que constitui e reinventa o sujeito, não há a busca por uma verdade ou o início e fim da história (Oliveira, Costa e Aikawa, 2023), essas ideias confabulam com o que Judith Butler (2015) chamada de fantasiosa, uma vez que não há uma essência ou fato narrado, mas sim um modo de escrita viva, como Clarice (1973, p. 29) diz:

“Muita coisa não posso te contar. Não vou ser autobiográfica. Quero ser bio.”

Foucault, o filósofo francês, careca, que dentre suas diversas inquietações buscou compreender a produção de si, observando na história o uso da Escrita de Si, como uma ferramenta para autoconstituição do sujeito. Os antigos escreviam *hypomnematas* e cartas. Eu, na minha contemporaneidade, tenho diários e gravo vídeos anualmente sobre minha vida. Nesta dissertação trago fragmentos e ressignificados, à luz do pós-estruturalismo, uma torção em meu modo de subjetivação, um exercício do pensamento, chamado de inteligência, que só é boa quando vem para criar um corpo conceitual, um devir-outro. Na Grécia antiga, o objetivo era o aperfeiçoamento de si, tanto dos atos quanto o cuidado com o pensamento (ascese) (Foucault, 2004). A escrita instiga o sujeito à autorreflexão a partir do que ele escreve e assim ele se coloca em experimentação de si. Segue meu relato no início do mestrado:



Nesse fragmento do diário, discorro sobre as tensões existentes entre mim e os colegas mestrandos, nessa época era repleta de sentimentos turbulentos e tentava me manter em paz. Não obtinha sucesso, quando observava a auto cobrança dos colegas, espelhava esses sentimentos em mim. Minha recomendação foi que me afastasse, mesmo que o mestrado se tornasse solitário. Ironicamente, após um período de reclusão, a companhia de alguns companheiros de jornada se transformou em consolo. Considero esses afetos conflitantes naturais de um corpo em composição, em que pode ser atravessado de muitas e diferentes maneiras, por um “corpo só ou vários” (Spinoza, 2009, p. 111). É possível que um mesmo corpo (ou corpos) seja causa de alegria ou tristeza, de amor ou ódio. Não é que eu não gostasse dessas pessoas, mas elas me remetiam à tristeza das auto cobranças e à insuficiência diante das demandas, é o que Baruch Spinoza (2009, p. 111) chamaria de “afeto por acidente”, quando aquele corpo nos remete a algum afeto, mesmo não sendo o causador dele. E os mesmos corpos que me mantive distante por um tempo, foram os mesmos que senti a alegria de estar perto nos encontros semanais para falar das escritas-vidas.

****Novas perspectivas****



Enquanto pesquisadora da área de Educação em Ciências na Amazônia, algumas verdades me incomodavam, a Ciência hegemônica, comprovadora de verdades, o estereótipo da Amazônia, as prescrições.

Foi um baita encontro ao esbarrar com a escrita pela reinvenção de si, as desassossegadas ervas daninhas me tiraram da busca pela verdade e a partir dela foram desencadeados outros processos que fizeram eu olhar com desconfiança para os “ditos”. Nunca pensei em ler Nietzsche, achava que filosofia não era para mim e cá estou estudando um monte. Esse filósofo teve um papel fundamental ao questionar as verdades e inovou (e chocou muitos), ao dizer a inverdade como condição de vida (Mangueira; Bonfim, 2014). O cara propõe os juízos falsos como constituintes da vida, pois sem eles os homens não conseguiriam viver, uma vez que falseamos por meio de números e inventamos o mundo (Nietzsche, 2008). Imaginem a cena, vários filósofos tentando criar uma resposta para a existência humana, criar um sentido, nos dar uma verdade e ele vai ao oposto disso. Eu o leio até certo ponto, pois não é fácil sentir suas verdades enraizadas sendo arrancadas.

Esses estudos e outros me levaram a questionar sobre as ideias acerca de mulher e homem que circulam em nossa sociedade ocidental. Gosto muito de ler, comecei nos romances mais água com açúcar possíveis, depois fui me aventurando, sentia que precisava ler aventura, depois que precisava conhecer outras culturas. A literatura que mais havia consumido até então eram as norte-americanas, que coisa, né? Agora entendo o que Deleuze critica sobre as hierarquias, uma tendência a seguir padrões dominantes que mascaram a multiplicidade de possibilidades. Assim como a hegemonia controla o pensamento, também direciona os olhares para aquilo que é majoritário, apagando o menor, o marginal, o diverso. Se a gente não problematizar, nem percebemos o quanto nos fixamos em algo.

Na busca por ampliar meus horizontes me deparei com “A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero” da escritora nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí, achei o título hiper interessante, o livro era resultado de sua pesquisa de Doutorado. A autora em suas escritas semeava uma visão não ocidental sobre sua comunidade Iorubá, pois concluiu que os pesquisadores que estudavam sobre a dinâmica dos Iorubás carregavam em si discursos cristalizados e buscavam apenas comprovar sua verdade. Mas Oyěwùmí não, ela cresceu ali e possuía uma visão diferente sobre as questões de gênero, foi



então que deu um estalo, não existem só os discursos que conheço, óbvio. No decorrer do livro, a autora aponta que o sexo biológico não era um fator predominante na organização das sociedades iorubás, a categoria “mulher” não existia até o momento da colonização. Foi no colonialismo que essas ideias foram implementadas, pois antes desses períodos as comunidades iorubás se organizavam a partir da idade e senioridade dos sujeitos.

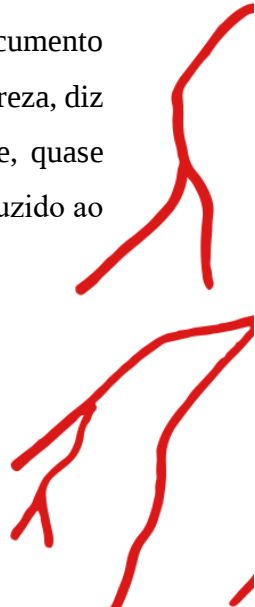
Da inquietação de Oyěwùmí e seu desejo por desafiar as narrativas que se dizem “universais” brotou meu primeiro artigo escrito em enamoramento com a Filosofia da Diferença, com frio na barriga escrevi para a disciplina da Professora Carol e Professora Mônica sobre gênero e sexualidade nos currículos, ali experimentava me desterritorializar e borrar os discursos enraizados em mim.

No Ocidente, a árvore plantou-se nos corpos, ela endureceu e estratificou até os sexos. Nós perdemos o rizoma ou a erva ⁵

Judith Butler (2006) discorre que gênero é um mecanismo em que se produzem noções do que pertence ao masculino e feminino por meio de comportamento e formas de se apresentar. Estando culturalmente ligada ao sexo biológico, então, apesar da tentativa de distinguir sexo e gênero, visto que o primeiro é tido como natural e o segundo, um construto social, os dois estão intrinsecamente ligados. Se apoiando na “metafísica da Substância” de Friedrich Nietzsche, Judith Butler (2018) entrelaça essa crença com o gênero, uma vez que nela, muitos filósofos se pautaram para justificar a ideia de que há um “ser” atrás do fazer, uma “Substância”, ou seja, uma identidade substancial. E assim conecta a ideia de gênero, o colocando como performativamente construído e imposto. Vamos ao exemplo, se há um pênis, automaticamente é um menino, caso tenha chá para revelar o sexo do bebê, a revelação será na cor azul, suas roupas e criações serão escolhidas conforme seu órgão genital, já se cria toda uma expectativa, o ser humano nasce tendo que cumprir uma lista de afazeres.

O debate de gênero na cultura ocidental é tão controverso, uma vez que gênero e sexo são praticamente um só, que, para não desestabilizar algumas verdades, vai sendo retirado de vista, o que aconteceu na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No documento normativo, restaram apenas dois tópicos sobre sexualidade ligados às Ciências da Natureza, diz a respeito de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e reprodução, acabou-se, quase como se dissessem “não se fala mais disso”. Porém, corrobora para deixar o corpo reduzido ao erótico, à reprodução e aos temas que remetem ao sexo (Preciado, 2018).

⁵ Deleuze (1995, p.28).



1

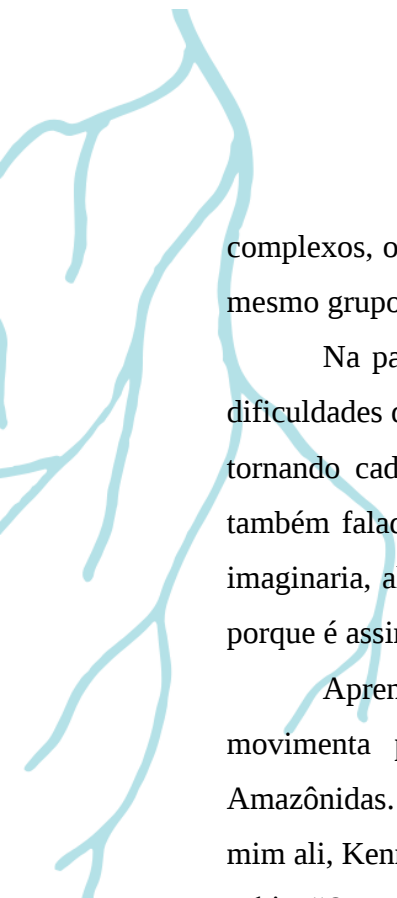
No ensino de Biologia, o corpo, assim como em outras áreas, por exemplo, a Educação Física, preza-se pela compreensão do organismo de modo a decodificá-lo. Mas o corpo, ah, esse corpo dá trabalho... há tempos! Desde o ateu ao evangélico, homem ou mulher, ele não discrimina, sempre gira em torno dele. O corpo é imprevisível e só tateamos as primeiras camadas do que ele pode, a partir das experimentações. “Quanto mais sabemos sobre o organismo, menos sabemos sobre o corpo” (Setembrino e Gimenes, 2020). Do mesmo modo que os dispositivos tentam abafar as formas de existência, há uma imposição da identidade de mulher, de homem, de ser gente, para a manutenção da estabilidade. Algumas teorias feministas trouxeram a mulher (geralmente branca) como identidade a fim de representá-la, sem perceber que, ao se colocar como sujeito a ser representado, excluía diversas outras mulheres e ainda limitava a pessoa a ser apenas mulher (Butler, 2018). Ou seja, ao mesmo tempo que se fala de uma representação, produz-se esta representação. Não se fala apenas do que existe, se cria também aquilo de que se fala. O que coloca a mulher novamente por detrás das grades biológicas, performáticas, culturais e sociais, pois segue uma lógica identitária. Performativos, pois são “fabricados por discursos e gestos corporais que possuem efeitos de verdade, baseados em políticas identitárias filatórias” (Butler, 2010, p. 195).

Diante dessas ideias sobre gênero e sexo, não consigo definir o que é estar numa dita mulher, sou agraciada pela amizade de várias mulheres, NENHUMA é igual a outra, mesmo que existam uns decalques. A minha não-conclusão é que estar mulheres é habitar campos de abstração, disrupção, rizoma, diferença, é desfazer esses terreiros, é pintar e bordar com o estranho, alquimia da vida, intuição. “Quem anda no trilho é trem de ferro. Sou água que corre entre pedras - liberdade caça jeito” Manoel de Barros (2001, p. 32). Penso no corpo habitado por rizomas aquáticos e lunares em terrenos enfeitiçados.

****O Encontro com Kenny****

Kenny estava presente desde antes de eu entrar no mestrado. Era apenas um nome que aparecia próximo ao meu na lista do processo seletivo. De início, imaginei um homem; o nome soava masculino. No entanto, deparei-me com uma dita mulher séria, pequena, de cabelos curtos pretos e pele vermelha, como ela mesma fala, acho tão bonito!

Nas aulas, Kenny era uma figura silenciosa, mas marcante. Sua quietude escondia uma mente que, ao se manifestar, surpreendia a todos. Observava-a construir raciocínios brilhantes,



complexos, os fios de nossa amizade foram entrelaçados, pois descobri que ela fazia parte do mesmo grupo de pesquisa que eu.

Na partilha de leituras, na troca de impressões sobre textos, nos desabafos sobre as dificuldades da vida acadêmica, foi brotando uma nova amizade, a companhia de Kenny foi se tornando cada vez mais essencial para mim. Ela, além daquelas características iniciais, é também faladeira, tem riso frouxo e me surpreende com confissões de sua vida que jamais imaginaria, aliás, ela conseguiria fazer uma autobiografia bem pós-estruturalista e não linear porque é assim que conta sua vida para mim.

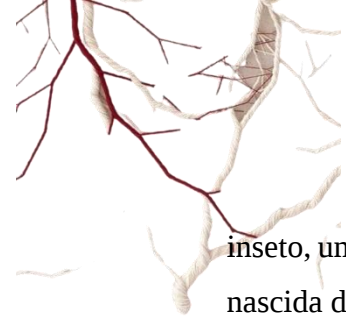
Aprendi a reconhecer a planta de andiroba com ela. Filha das águas e florestas, se movimenta pelos meandros da Educação, enaltecendo os conhecimentos tradicionais Amazônidas. Em momentos em que o desespero me fazia sentir que não havia mais lugar para mim ali, Kenny estava lá, resistente, puxando-me para fora de um espaço que, de fato, não nos cabia. “Quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz” (Deleuze, 1995, p.22).

As linhas se separaram novamente, o rizoma Kenny voltou para sua ilha Tupinambarana, e parte dela ficou marcada em mim. Sou feliz por topar em solos ácidos essa amiga.

****Energia Amazônida****

Eu via diariamente meus avós iniciando o dia com o guaraná. Era um bastão marrom, trazido diretamente de Maués, a terra do Guaraná, terra da minha avó Telecine. Todas as manhãs ralavam aquele bastão na língua do pirarucu, eu criança podia apenas ver, aquilo dava energia, mas só para os mais velhos, criança não podia! Esperava ansiosamente pelo momento de poder beber aquela fonte de energia, ouvia eles dizerem que acelerava o coração, quando finalmente pude tomar aquela bebida senti ao final os grãos da areia coçar a garganta. Eu gosto de ser Amazonense, antes de iniciar esses escritos me via uma falsa amazônida, percebo que não tanto. Quando ouvimos o som da rasga-mortalha sabemos que pode ser o convite da morte, crescemos com respeito às águas, porque diferente de Yara, água não tem cabelo. Minha mãe contou que tinha uma tosse que não passava por nada, até que tomei uma água preparada na garganta da guariba e fui curada, ela diz se é mito ou não, funcionou! Isso não é incrível? É como Puppín e Pachero (2021) descrevem a Terra como um organismo vivo, que pulsa, respira, é estar com as pedras, rios, plantas e outros seres. Me faz sentir uma mulher-planta-folha-bicho-





inseto, uma criação da/ na natureza, que se compõem com suco de guaraná, garganta de guariba, nascida do ventre da mãe terra. Um agenciamento coletivo de vidas.

****Se você pudesse jantar com qualquer pessoa viva ou morta...****

Brincando de perguntas e respostas, foi me questionado “Se você pudesse jantar com qualquer pessoa viva ou morta, quem escolheria?” respondi “Deleuze”. Se fosse um tempo atrás, não saberia nem esse nome. Mas é engraçado como somos capturados por algumas coisas e por outras não.

Um dia estava indo tomar meu anticoncepcional injetável, tinha dois “sóis” para cada corno. Entrei na drogaria com a pele quente, suada, ainda bem que o lugar estava climatizado, cheguei ao atendente e comprei meu contraceptivo. Esperava ansiosamente a farmacêutica aplicar a injeção. Ela apareceu tranquilíssima, me chamou para a sala, percebeu minha pressa, mas não falou nada. Na hora de aplicar, disse: relaxe, todas as outras coisas podem esperar, esse é o seu momento de cuidado. Meu músculo provavelmente estava tenso. Aquilo ficou em mim, depois fui para a parada de ônibus, aguardei chegar e, ao entrar e começar meu percurso para onde quer que fosse, fiquei refletindo, nosso tempo é capturado e nem percebemos que estamos com pressa para fazer aquelas poucas coisas que são para nós mesmos. E sobre a moça, nem sei seu nome, nem lembro de sua aparência, ela nem deve lembrar de mim.

Mas, porque escolheria Gilles Deleuze? Sinto que agregaria muito nessa pesquisa-vida, para eu chegar nos textos dele tenho que fazer um reconhecimento de terreno, tateio por meio de *podcast*, resenhas, vídeos e tudo que estiver à disposição. Ele disse algo que tem a ver com essa história que contei. Há potência nos encontros e eles não precisam ser profundos, podem ser rápidos e superficiais, se formam em um plano. Estamos acostumados a querer encontrar a raiz de tudo, uma fonte, aquele grande fator que nos constituiu, nos transformou. Mas os encontros (com humanos ou não) marcam nosso corpo, borram nossos contornos e podem instaurar uma abertura para constituição de um novo corpo a proliferar (Rolnik, 1993). De algum modo, essa mulher da farmácia semeou um desejo de ser outra, uma Hívi que separa um tempo para se cuidar. Essa experiência, que é da ordem do acontecimento, ecoa até hoje em meus poros, pois o acontecimento não se paralisa em dado tempo/espaço (Chaves, 2022). Os acontecimentos do dia a dia são capazes de nos transformar.

****Ensino no escuro****



Dia 9 de agosto de 2024, são 19 horas, não vi o sol se pôr, vi minha irmã Nazira, lindos olhos grandes, passei a tarde em sua companhia, conversamos e pude desabafar sobre minhas preocupações, é que faltam 6 meses para o fim do mestrado. Sempre pensei que aprendi a lidar com fim de ciclos, mas não sofro por antecipação, é que sei, sei que vou sentir saudades de escrever e aprender, não, não é o fim do mundo, irei escrever e aprender mais.

Ao chegar em casa, chorei enquanto estudava, mas não de tristeza e sim de uma nostalgia antecipada. Me emociono com facilidade, na tentativa de uma vida-rocha, acabo sendo rizoma. Amo fazer essa pesquisa, ela me desestabiliza, sim, muitas vezes sinto que estou no escuro, mas é bom, que nem a vida, por isso escrevo sobre ela. Como Manoel de Barros diz, **eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina**. Na noite posso sonhar outras aulas de biologia e quem sabe biologizar a vida...

Uma biologia noturna sugere um saber mais feminino, sob uma luz lunar, em contraste com uma certa arrogância de um outro conhecimento que se apresenta como fonte solar (Couto, ano 2011, p.26)

Sinto que posso cantar na calada da noite, me transformar e me guiar pela luz da Lua, ao invés de buscar o Sol. Couto me traz reflexões importantes acerca das ciências, ele critica o modo de pensar uma ciência em trajes cinzas, carregando uma mala cheia de verdades, que não pode ser colorida e repleta de belezas, eu também achava isso e é bom ver que durante o mestrado eu pude me colocar a colorir e embelezar a ciência. O sensível sempre esteve em mim, talvez por ser banhada por águas doces a vida inteira. Deixava só o tegumento à mostra, principalmente para as coisas de adulto, o trabalho, a pesquisa, os estudos. Escrever a dissertação é uma das coisas mais difíceis que faço, deixar exposto o embrião coberto por diversas camadas de tegumento. Ser equilibrista nessa linha de fronteira entre pensamento e sensibilidade, entre inteligência e intuição, entre poesia e saber científico (Couto, 2009). Rachar o tegumento para que os rizomas se proliferem e a seiva transborde em um professorar noturno.

Que beleza é conhecer o desencanto e ver tudo bem mais
claro no escuro ⁶

⁶ Recorte da canção Imunização Racional (Que beleza) – Tim Maia

**** Caderno de campo: composições de vida ****



****No coração de uma árvore, um novo rizoma se forma****

Tenho a sensação de que a escola é muito presente na minha vida e vai continuar sendo, pelo visto. Vocês sabiam que conheci meu marido no 1º ano do Ensino Médio? Foi em 2016, eu cheguei após algumas semanas do início das aulas na Escola Senador João Bosco Ramos de Lima, pois havia sido transferida de outra. No primeiro dia, estava nervosa, fui matriculada no turno noturno, uma experiência totalmente nova. O ambiente lá era bem mais tranquilo que a escola anterior, em que nós não podíamos deixar nossas mochilas porque, se não, elas eram furtadas. Os alunos passavam um ar de mais velho e já tinham passado por muitas coisas na vida, diferente daqueles que conhecia na escola particular, em que possuem uma vida econômica mais fácil. Deixando os julgamentos de lado. Ali as coisas tinham mais ordens e era conhecido por uma diretora que pegava no pé dos alunos.

1

Cheguei na sala, apreensiva por ser novata, parece que todos estão te julgando, sentei e esperei a aula começar, um desses dias, reparei que tinha um menino de cabelos enrolados e um grande sorriso lindo, era o Felipe, ele usava uma correntinha de prata no pescoço, até que um dia ele chegou perto de mim e me ofereceu um *freegel*, eu não respondi, achava que ele estava falando com a pessoa de trás, até pensei “nossa que mal-educado”.

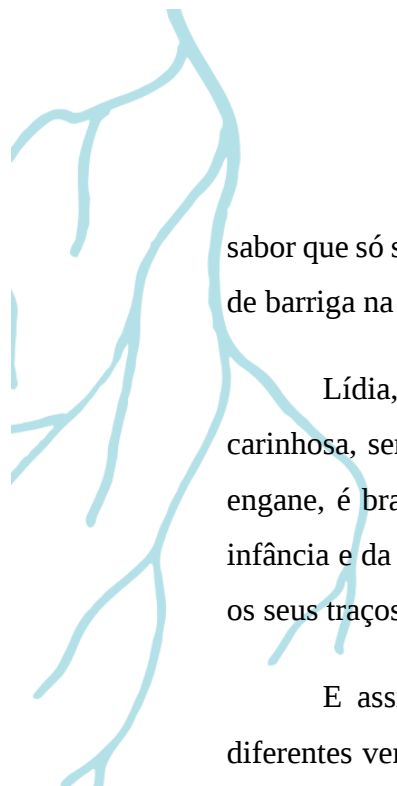
De uma forma ou de outra nos aproximamos por amigos em comum. Inebriada por feitiços que entortaram meus caminhos e causaram movimento-vida, acabei me apaixonando por aquele menino aleatório e assim ele se tornou meu companheiro de vida. Gilles Deleuze e Félix Guattari chamam de “núpcias celestes” os encontros de multiplicidades, em que se faz o amor (1995, p.47). Não convivo mais com aquele Felipe nem ele com a mesma Hívi, mudamos e muito. Mas, escolhemos diariamente viver com a pluralidade de desejos e potência um do outro. Às vezes é desafiador, acredito que principalmente para mim, que tenho uma gana por estabilidade, ele tem uma frase fofa: “quero acompanhar suas transformações, quero saber onde você vai chegar”. Uma lágrima até cai, não é qualquer um que consegue lidar com as instabilidades. E assim vamos inventando e reinventando o nosso amor. Eu também adoro um amor inventado, Cazuza!

****Três Cidades, (alg)umas vidas****

Nasci em Itacoatiara/AM, mas também em Manaus/AM e em Belém/PA. Parece confuso, mas é assim que sinto. A cidade da pedra pintada e do festival da canção foi meu berço no dia 18 de dezembro de 1999. Sagitariana de nascença, sob o signo do fogo e da aventura, comecei minha jornada em Itacoatiara, mas rapidamente minha vida se espalhou por outros terrenos.

Manaus se tornou minha casa. Foi onde cresci, transitei por diversos bairros e zonas, conheci o concreto, o calor, o sol incansável. Quando a cidade grande me sufocava, quando o coração pedia água e floresta, era a estrada que nos levava de volta à natureza, à calmaria que só os rios e a mata sabem oferecer. Manaus, com suas rotinas e surpresas, me formou, me endureceu e me deu as cascas que carrego.

Belém, por fim, foi a última a me acolher, mas ocupou um espaço que nenhuma outra cidade conseguiu. Gosto do nome, Belém, achava que era a cidade em que Jesus nasceu. É o fio que me liga às minhas alegrias de infância. Tem o sabor único do açaí com pirarucu, um



sabor que só se encontra lá. Belém é a cidade das texturas, da pele arranhada de tanto escorregar de barriga na varanda do apartamento, da amizade que se tornou laço de vida.

Lídia, amiga-irmã, como gosto de chamá-la. Ela, que nunca teve vergonha de ser carinhosa, sempre me recebia com um abraço apertado e um sorriso de moleca. Mas, não se engane, é braba, tem língua afiada e garra de onça. Nossa relação é entrelaçada pelo fio da infância e da vida adulta, às vezes a ligo para pedir conselhos e seu jeito é atemporal, percebo os seus traços de criança em uma jovem mulher.

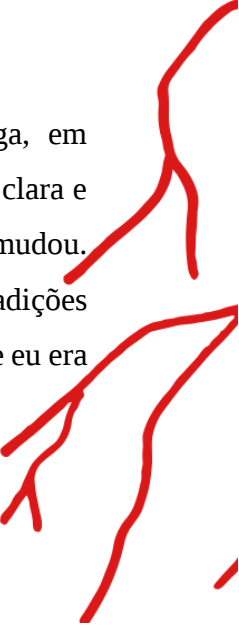
E assim, entre Itacoatiara, Manaus e Belém, fui me fazendo, desdobrando-me em diferentes versões de mim mesma. Não há uma linha do tempo clara, um começo ou um fim para esse devir que sou. Cada cidade me deu um pedaço de quem estou, mas não como partes que se somam numa hierarquia, onde uma precede ou supera a outra. Elas se conectam rizomaticamente, entrelaçando experiências, encontros e afetos que não seguem uma cronologia linear, mas uma lógica intensiva de multiplicidade.

Itacoatiara não é o "início", assim como Belém não é o "fim". Manaus não é um "meio" entre elas. São todos espaços que coexistem dentro de mim, cruzando-se, rompendo limites e criando novas formas de me entender e existir. Como um rizoma, minha vida se espalha por diferentes direções, sem um centro que governe as outras partes. Cada cidade é um platô, um lugar de intensidade, onde memórias, afetos e descobertas habitam e pulsam.

Esses lugares não só me viram crescer; eles cresceram dentro de mim, não como camadas sedimentadas, mas como forças vivas que se transformam continuamente. Não há "melhor" ou "pior" entre eles, apenas a potência de cada encontro.

****Quando descobri que não era daqui****

Nasci em 18 de dezembro de 1999, às 10h30, na maternidade Ana Braga, em Itacoatiara/AM. Sagitariana de origem, cheguei ao mundo com lindos olhos azuis, pele clara e sem um fio de cabelo. Mais tarde, surgiram finos cabelos loiros, e a cor dos meus olhos mudou. Cresci acreditando que era itacoatiarense e, claro, filha do meu pai. Mas as contradições começaram cedo, logo na raiz da minha existência. Meu genitor, que não tinha certeza se eu era



realmente sua filha, não percebia que eu havia herdado dele as sobrancelhas esfarrapadas e caídas – antes não fossem mesmo.

A descoberta de que eu não era realmente dali não veio da minha certidão de nascimento, nem do médico que me trouxe ao mundo, e muito menos da minha mãe, que me pariu. Não, essa revelação veio dos meus contrerrâneos, que, ao me olharem, diziam que eu não parecia ser de Itacoatiara. Era como se minha aparência, aquela de bonequinha que tanto associavam a mim, fosse um sinal de que eu pertencia a outro lugar. Passei pela famosa crise de identidade descrita por Hall (2006), por não perceber minha vida-fluída, vivia na tensão de ser e não ser.

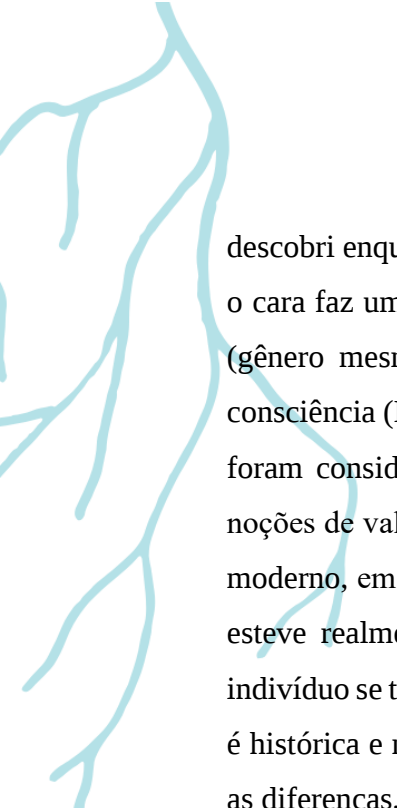
Minha mãe e outros sempre me viam como uma boneca. Agora, pensando bem, acho que me viam como aquela boneca popular da época. Mas eu também tinha meus apelidos, aqueles que me marcaram e que só a família podia usar. O meu preferido era Vicola, ou Vicolinha, um carinho exclusivo da minha família. Minha mãe também me chamava de “because”, porque eu sempre questionava suas falas começando com essa palavra. Hoje, sei que “because” é usado para resposta, não para pergunta, mas, mesmo criança, eu já gostava de contrariar.

Sempre fui vaidosa. “Hívina chique” era o apelido que me davam, uma espécie de reconhecimento da minha personalidade cuidadosa com a aparência. Vicudo foi outro apelido, esse dado pelo meu tio. Gostava dele, tinha algo de engraçado, soava masculino. Era como se, ao me chamarem de Vicudo, eu pudesse ser outra pessoa, alguém diferente do que todos viam. E também tem o Dorzane, forma que carinhosamente os meus sogros me chamam. Eles acham bonito meu sobrenome, é provável que era para ser “Dolzane”, se não me engano, o do meu avô escrevia assim, uma família de Maués-AM, mas meu nome se transmutou pelo caminho.

Meus apelidos demonstraram minha multiplicidade, não era uma criança raíz, mas sim um ser vivo rizoma, que não se fixa em um nome, categoria ou identidade, mas que se constitui e está em constante transformação (pelo menos nunca questionaram eu ser sagitariana).

****E precisa ter que ser?****

Sabia que existem diversas concepções de identidades? Provavelmente, sim, porque são pessoas da área, de qualquer forma vou falar desses terrenos desconhecidos por mim que



descobri enquanto pesquisadora. Minha orientadora, professora Caroline, me indicou ler Hall e o cara faz um aparato sobre o assunto. Tem a iluminista, essa parte da ideia de que o homem (gênero mesmo) nascia com sua essência e morria com ela, esta era pautada na razão e consciência (Hall, 2006). A segunda descrita por Hall (2006) é a do sujeito sociológico, em que foram consideradas a relação do sujeito com a sociedade. Nessa vivência, são transferidas noções de valores, símbolos, mas ele ainda possui uma “essência”. A outra é a do sujeito pós-moderno, em que não existe uma “essência”, o sujeito deixa de -ser- e migra (se é que um dia esteve realmente estático em uma só identidade), para um constante -estar-, é como se o indivíduo se transmutasse por variadas identidades (simultaneamente) em diferentes momentos, é histórica e não biológica (Hall, 2006). As vias estáticas de conceber o sujeito não enxergam as diferenças, é binarista, essencialista.

No que tange sexo e gênero, a diversidade feminina é apagada, uma vez que se parte do biológico, sendo assim, mulheres que fogem das estruturas anatômicas ditas femininas não entram na equação, podemos citar a mulher trans. Alguns casos de tentativas de invisibilização de professores amazonenses são citados por Angelo Esperança, Iolete Silva e Fábio Gomes (2023), silenciamento sofrido por mulheres trans, por exemplo, em diferentes contextos educacionais, como na escola, graduação e/ou trabalho, com objetivo, talvez, de manter desqualificar esses sujeitos como professores e mulheres para assim manterem à margem da sociedade. Problematizo aqui a essência, pois coloca a mulher em um lugar de estabilidade e permanência, em que é capturada por uma identidade, devido a um discurso massificador sexista da Ciência positivista, que aniquila a diferença (Krahe e Matos, 2010).

A existência de uma essência, tenta retirar da mulher o espaço de estranhamento, do corpo sensível que percebe o fugidio a essa realidade identitária dada (Krahe e Matos, 2010). Não apenas da mulher, mas do humano enquanto gente, gente que fala, ri, chora, sente, ao seu modo. Quando nos pautamos em uma essência, em um único jeito de ser, somos enquadrados, colocados em tubos de ensaio com a função de replicar os genes da planta-mãe, da matriz, acho que é uma das coisas mais insensíveis com o ser humano, defini-lo, lhe dar uma vida pronta.



****Bio****



****Sou? Estou? O que pode um corpo?****



Enquanto passeava pelo largo São Sebastião, visitei a galeria do Largo, vi um texto intitulado “Pirocada de mulher” de Ariana Tibira, *drag queen*, o título chama atenção conta a história de uma travesti (termo usado pela artista) que não se reconhecia em seu corpo e vivia a opressão por parte de sua família, que a diziam para se comportar como homem e caso isso não fosse obedecido, apanhava até se “endireitar”.

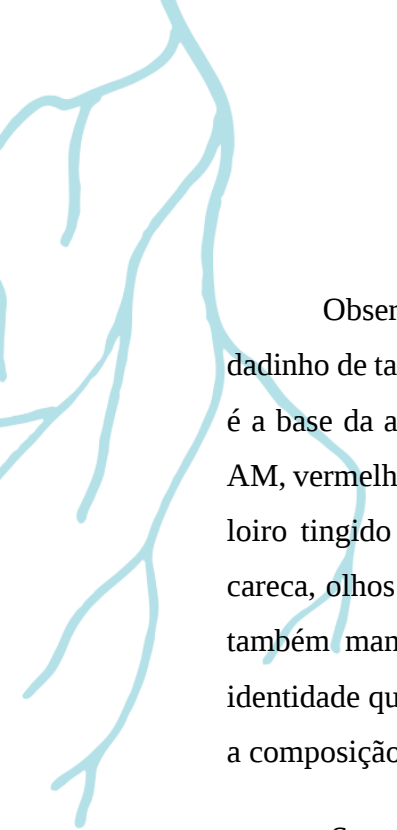


Esse é um conto que reflete experiências vividas por mulheres que não nasceram no corpo biologicamente “correto”, mas qual é o corpo correto, esperado? O com seios, vagina, útero? E o que esperam das mulheres “de verdade”? Esperam mulheres escritas, acabadas, moldadas, que seguem tempos cronológicos (Andrade e Carvalho, 2019) a hora de casar, de ter filho, de estar à frente, a de estar nos bastidores. Em uma das reuniões de orientação, ao ficar explícito que **estou** como mulher, isso me causou um estranhamento, “como assim estou e não sou?” Nasci em um corpo dito feminino, fui formatada para agir como tal então é difícil me imaginar mudando minha forma de “ser”. Mas, o irônico é que mesmo sendo difícil me ver fora desse lugar, as vezes tudo que mais quero é fugir dele (e fujo), principalmente, convivendo com dois homens e uma mulher que esperam a mulher.



Esperam ela preparar a comida, arrumar a casa, gerenciar as compras da semana, as atividades escolares, as contas. Dona Rose, a grande maestra do lar, quando viaja todos perdem o norte, o ritmo, o tempo, de descongelar a carne, do curso de inglês etc e etc, e se desesperam. Ela que domina o tempo. Ah.. Dona Rose... me alegro, quando foges, foges do tempo, da casa, vai passear com sua amiga Val, viaja e conheces diferentes lugares e pode ser aventureira e segue sim o tempo, do seu corpo, do seu cansaço, da sua alegria, da sua curiosidade. E torço inteiramente para o dia que vão lhe des-esperar ⁷. E da multiplicidade que constitui nossa conexão (amor, carinho, empatia, solidariedade, o feminino...) dou pitaco “para que vai perturbar ela? Se vira, dá um jeito!”, “isso mesmo Dona Rose, tá certa, tem que viajar mesmo!” “vá viver o que deseja”. Talvez me desdobre para viver um modo travesti, do que não se espera, mas é e não.

⁷ Andrade e Carvalho (2019) no artigo “Vermelhos ritmos e(m) biologies: sonoridades de ruptura com o esperado na singularidade de viver mulher” usam o termo des-esperar, a qual me inspiro ao pensar das obrigações da mulher, utilizo esse tipo de citação para não perder a fluidez do texto.



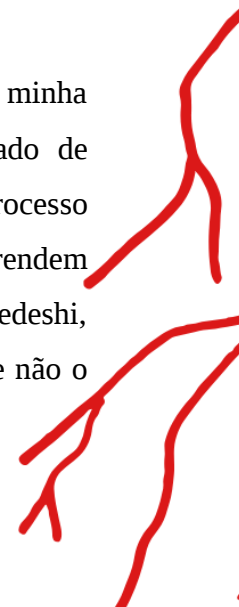
**** A mandioca-macaxeira****

Observei a mesa de café da manhã: tapioca, macaxeira cozida, bolo de macaxeira, dadinho de tapioca, pé de moleque, farinha de tapioca, cará, pão de queijo, pão e café. O rizoma é a base da alimentação do Amazonense. Na mesa, senta-se seu Rob, nascido em Manicoré-AM, vermelho de tanto pescar, cabelos grisalhos e nariz pontudo para baixo. Dona Rose, cabelo loiro tingido e cacheado, nascida em Benjamim Constant-AM, tem grande sorriso. Felipe, careca, olhos pequenos, sobranceiro e sorridente, manauara. André, cabelo castanho-claro, também manauara, fala pelos cotovelos e eu. Como tentar pautar o Amazônida em uma identidade quando ele se alimenta praticamente todo dia de uma raiz tuberosa? E como definir a composição dessa mesa quando o que vejo são multiplicidades?

Seguir prescrições de uma identidade, modo de ser, agir e pensar, ditar nosso lugar, olha já! Sou amazonense e não gosto de tacacá, tem amazonense que não sabe nadar, isso nos torna menos amazônidas? Tenho o direito ao meu não-lugar, à minha não identidade, a estar mandioca, de ser outro tipo de raiz, a raiz da multiplicidade, rica em nutrientes, rica em multiplicidade.

Quem colheu mandioca sabe que elas crescem e se fortalecem debaixo da terra, não há linearidade, cronológica, hierarquização, ela é a mandioca, cada parte dessa raiz se expande em multiplicidade. Mas, porque falar da mandioca que é uma raiz e não de um rizoma? Porque não precisa ser uma coisa ou outra! Para existir um não necessariamente tem que ser erradicado o outro, isso iria contra a perspectiva da subjetividade, das mudanças e estaria colocando um modelo de vida a ser seguido em uma lógica dicotômica (Deleuze e Guattari, 2017). A questão é quando é só raiz e a partir dela nos fixamos em ser somente uma coisa. Se o discurso que habita em nós é de raízes, como poderemos passar pelos devires? Já que ele requer flexibilidade, o movimento. **Busco então expandir meu vaso para um terreno de roça, uma várzea ou um igapó, experimentar estar.**

Mesmo quando tento hierarquizar os acontecimentos da minha vida, é inviável, minha história demonstra a transversalidade diante dos meus devires. O constante “estado de transição”, de tornar-se algo (Deleuze e Guattari, 2007, p. 305). Mas assim, não é um processo fácil, exige uma libertação do pensamento, de algumas raízes não-mandiocas que nos prendem a um modelo ou representação, enquanto a única coisa constante é o movimento (Tedeschi, 2021). O devir acontece nas miudezas; por isso, existe o devir-mulher, devir-criança e não o



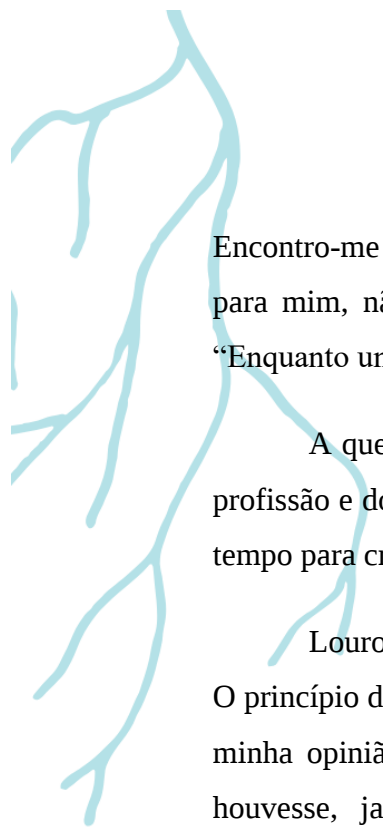
devir-homem-adulto-branco-hétero, tendo em vista que esses sujeitos são desobedientes às normas patriarcais e adultocêntricas (Setembrino e Gimenes, 2020). Tudo isso saiu de uma mandioca, o que sairia da mangarataia? Enfim, preciso dormir.

****Memórias-texto****

Da minha docência em Ciências da Natureza, admito ter um receio de escrevê-la, sinto que nada sei sobre a sala de aula, que não possuo propriedade, então não falo de um lugar para me equiparar a professores com anos de experiência, apenas contarei de alguns momentos como estagiária. Meu primeiro estágio supervisionado foi ao Fundamental II, meus colegas e eu éramos instruídos a apenas fazer a observação participante, se ambientar na escola, conhecer os professores, gestores, a comunidade escolar no geral e a acompanhar o professor em sala. O primeiro impacto que tive é que, na escola em que iria trabalhar, o professor responsável por me supervisionar seria um homem, sentia uma aflição, porém, no desenrolar do estágio, fui bem recebida e ocorreu tudo bem.

Ao acompanhar o professor nas primeiras aulas, sentia nele a necessidade de demonstrar produtividade e autoridade com os alunos para manutenção de uma posição vertical. Esses modos de agir pré-estabelecidos para os professores e alunos são o que Michel Foucault (2004) chamou de “corpos dóceis” uma espécie de controle para a manutenção das relações de poder e obediência, sendo assim, os indivíduos são sujeitos. Em uma das aulas, admito que nunca esquecerei, era com o 7º ano, o professor começou a dar sermão para os alunos, questionou-os sobre qual carreira querem seguir e que deveriam levar a vida a sério e saber as respostas dessas perguntas. Externamente permanecia sem esboçar reações, por dentro estava indignada, como aquele sujeito de ensinamentos podia estar repassando esse tipo de cobrança para aqueles adolescentes? A meu ver, esse tipo de discurso demonstra que existe apenas um caminho a ser seguido, a de se preparar para o futuro, sempre, enquanto a infância e juventude não têm espaço de vida.

Na minha graduação, após provas ou aulas, eu e meus amigos nos reunimos para jogar vôlei, era um momento de descontração de dias difíceis e cansativos. Um professor certa vez nos chamou atenção, disse que éramos para focar nos estudos. A minha verdade é que não me arrependo de ir jogar vôlei, esses respiros eram necessários para mim, não estar imersa em constantes preocupações com avaliações, notas e próximos passos da minha carreira acadêmica.



Encontro-me escrevendo partes da minha dissertação do mestrado que tanto sonhava, então, para mim, não interferiu negativamente nos meus objetivos acadêmicos, brincar de vôlei. “Enquanto uns discutiam, outros iam tratar da vida. Isto é: jogar peteca” (Barros, 2010, p.37).

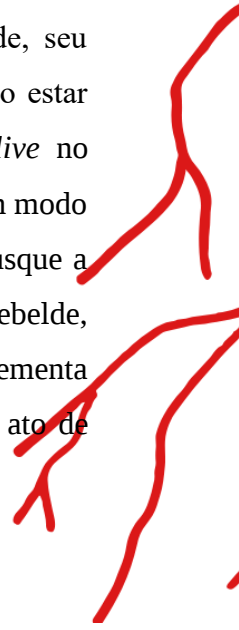
A quem serve o discurso de preocupações precoces e excessivas com o futuro, com a profissão e do grande questionamento da vida: o que você quer ser quando crescer? É preciso tempo para crescer e amadurecer, é preciso da noite.

Louro (2007) afirma que os sujeitos se constituem de múltiplas e distintas identidades. O princípio da alteridade diz aquilo que não sou eu, que difere de mim, que é externo a mim, a minha opinião, ideias e pensamentos (Larrosa, 2011). A alteridade é algo potente, se não houvesse, jamais seríamos transformados, viraríamos seres estagnados, porque, como poderíamos ser transformados por algo igual à gente? É possível aprender pelas diferenças?

****Atos de rebeldia do cotidiano****

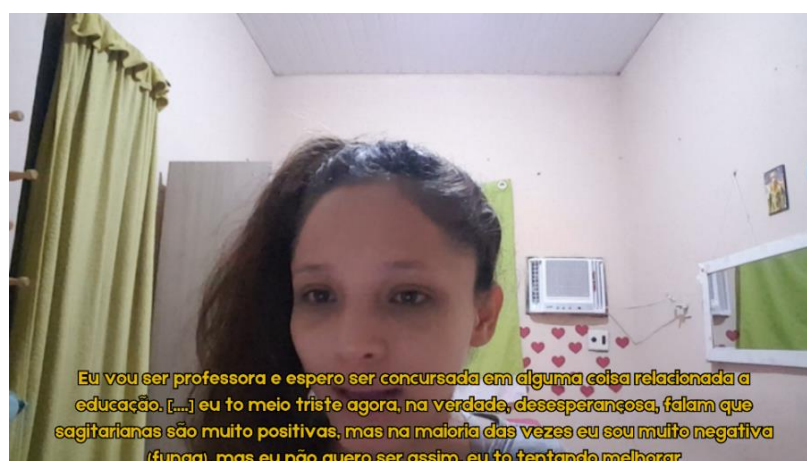
Engraçado, quando falam de rebeldia, estão se referindo a loucuras, como sei lá, uma tatuagem antes dos 18, fugir de casa, infringir uma lei, coisas do gênero. Meus atos rebeldes são outros. Primeiro, eu fui buscar a definição dessa palavra, de acordo com o dicionário Online Oxford, “que ou quem não se submete, não acata ordem ou disciplina; insubordinado” “que não se pode domar, domesticar, controlar”, então eu acho que sou rebelde e venho de sucessões de transgressões. Veja bem, minha mãe finalizou o ensino médio aos 46 anos, realidade de muitas mulheres que engravidam durante a adolescência, se casou com um homem para ter estabilidade financeira e ajudar a família, mas eu tenho a sensação de que era para fugir dela. Só que o homem era um bruto, dito meu pai *disk*, pois minha mãe sofreu variadas violências psicológicas e físicas, de novo realidade de muitas mulheres.

Nas conversas descontraídas de fim de tarde, minha mãe dizia “filha, estude, seu conhecimento ninguém tira” e, por obediências e subordinações que ela passou, posso estar aqui fazendo minha pesquisa irreverente e desobediente. Ivone Gebara em uma *live* no *YouTube*, comenta sobre a desobediência, mas não se limita a falar do assunto como um modo de rebeldia. Em suas falas, ela ressalta a importância de um desobedecer ético que busque a equidade e a transformação social. Entrelaçada a ela, me sinto mais desobediente, rebelde, escrevo uma pesquisa que desafia narrativas dominantes, Ivone Gebara também complementa que somos obedientes e desobedientes simultaneamente. Chegar ao mestrado foi um ato de



rebelião, eu, vinda do interior, família pobre, morei em invasão, tive minha casa destruída, até que minha mãe juntou dinheiro em baldes de roupas e conseguimos comprar um terreno e fazer um quarto. No bairro, que ainda estava nascendo, não havia escolas, fui para um protesto pedindo por escola, até falei com repórter, tinha sei lá quantos anos, menos de 10 anos. O protesto teve efeito, pude estudar. Mesmo com as amarras sociais, fui transgredindo. Meus pais se divorciaram, ele não me ajudou em nada, minha mãe seguiu seu caminho, sem apoio dos meus pais na adolescência, fiz um vídeo triste e potente ao final de 2018.

Figura: Quero a vibração do alegre





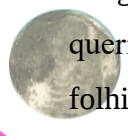
Fonte: arquivo pessoal da autora

“Destino simplesmente humano, que é feito de luta e sofrimento e perplexidade e alegrias menores (Lispector, 2007, p.92). Essa espécie de corpo mulher-amazônida afetado pela tristeza buscava por potência de vida, *conatus*. Esses são alguns dos **meus** atos rebeldes, meus rizomas encontraram rochas, mas rodearam, atravessaram. Minha resposta para a Hívina está na página 4.

Aliás, fiz sim uma tatuagem, aos 23 anos, tinha vontade, mas não fazia porque tinha receio de que isso fosse atrapalhar quando fosse buscar emprego. Fazê-la significa muito:

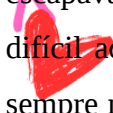
A máscara, a tatuagem, a pintura instalam o corpo em outro espaço, fazem-no entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo, fazem deste corpo um fragmento de espaço imaginário que se comunicará com o universo das divindades ou com o universo do outro (Foucault, 1966, p.12).

Tatuar foi o movimento de habitar outros territórios, das incertezas e coragem, fiz logo uma cobra no braço direito, a decisão foi fazer algo que causasse estranheza, muitas pessoas



possuem medo desses animais e associam a algo ruim e também eu tenho um rosto fofinho meigo, tenho olhos pequenos, claro, cabelos loiros cacheados que me dão um toque infantil, queria algo “PÁ”. Mas, se ilude quem pensa que é uma cobra super selvagem, intensa, ela tem folhinhas em sua pele, um sol em sua cabeça, uma cobra delicada com suas garras.

****Intensidades que percorrem o corpo mãe e filha****



Apesar das subordinações, via também a rebeldia em seus olhos cor de fogo, ela escapava do dito padrão de mãe, esposa, mulher. Vejo nela várias que, por vezes, como filha, é difícil acompanhar. Por exemplo, ao mesmo tempo que existe um cuidado como o dela de sempre me buscar na rodoviária em Itacoatiara, ela também foi aquela que me deixou aos 18 anos, como dizem, ao léu. Anos depois, a confrontei sobre essa atitude, ela me disse que precisava cuidar da mãe e não queria interferir no meu relacionamento, que já estava há quase 2 anos. Apesar dos rumos bons que minha vida tomou, como filha, isso me causa uma certa revolta, mas certa parte de mim agradece, fui jogada no mundo e soube me virar nele. As oscilações das intensidades fazem parte dos encontros, é uma questão de composição, enxertia, o corpo é composto por muitos, capaz de se afetar e afetar (Silva, 2017).



Minha mãe é assim, arranja rotas de fuga e resistências que estão em mim também. Como tantas mulheres desse país, dessa região, desse mundo. Acredito que o coração de uma mulher é habitado por forças misteriosas, nunca se compreende a motivação de seus atos, são ações que fogem. Falo de minha mãe, mas se olho para mim, como filha, escapulo do lugar carinhoso de filha caçula, sou a mais distante, menos aberta. Certo dia, voltando de Salvador, minha primeira viagem a trabalho - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica, tinha levado minha mãe simbolicamente nas minhas escritas, ela estava comigo em meus rizomas e também não estava, tocou “Sangue latino” nos fones, em determinado trecho fala assim:

Minha vida, meus mortos
Meus caminhos tortos
Meu sangue latino
Minh'alma cativa
Rompi tratados
Traí os ritos
Quebrei a lança



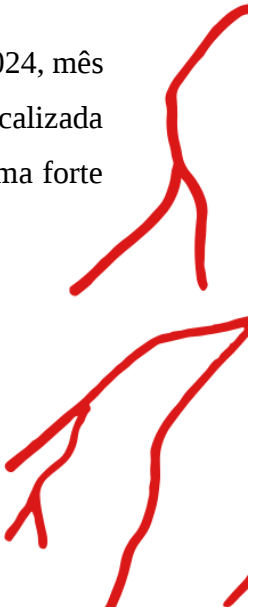
Lancei no espaço
Um grito, um desabafo
E o que me importa
É não estar vencido

Por caminhos tortos percorro, rompo tratados, relações e desafetos, traio os ritos que até eu mesma criei, tenho medo de mim, sou incompleta e contraditória, sou devir.

Poderia limitar-me ao corpo biológico, comum, pautado em características físicas e organização de órgãos, minha mãe também. A sua função materna, ao leite que me alimentaria, mas sabiam que, com poucos meses de vida, eu rejeitava peito? Minha mãe passou a me alimentar com copo ou colher, mas jamais rejeitei seu colo. Nesses laços de vida, percebo relações estranhas e dissonantes, conosco e com os outros. É a seiva do amor que corre nos vasos condutores, *com sua contextura de ódio, de ciúmes e de tantos outros contraditórios*⁸. Talvez estejamos mais próximos ao Corpo Sem Órgãos (CSO), aberto à experimentação, sensível, criativo, curioso e potente. O CSO que borra os estratos e se expande pela multiplicidade, fenomenológico devir-animal, que não é homem nem animal, devir-criança, devir-mulher, etc. Não confundir sem órgãos com sem vida, na realidade o corpo é tão vivido que se abstém de qualquer codificação. Em sala de aula criamos docência, multiplicamos saberes e nós inventamos mesmo quando estamos numa sala com mais de 30 alunos, transformamos aquele momento em um mapa que é desmontável e reconectável, onde existem diversas entradas e saídas para que se instaure em vida, mesmo com o corpo habitado por nervosismo, medo e insegurança. Pois o devir é aquilo que flui, que não chega a uma forma, nem identidade, gênero ou essência (Krahe e Matos, 2010). A mulher deforma e trai os ritos a partir do seu devir-mulher.

****Rizomas que viram nós na terra****

Em uma tarde calorosa, estava fazendo uma pesquisa em campo, era maio de 2024, mês das mulheres, e havia várias exposições artísticas feitas por elas. Na casa das artes, localizada ao lado do magnífico teatro Amazonas, havia muitas obras que expressavam sobre uma forte raiz que nos compõem, tem o nome popular de patriarcado.



⁸ Trecho retirado de “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres” de Clarice Lispector (1998, p.48).

As exposições denunciavam diferentes violências, o feminicídio, a agressão física, psicológica, sexual entre outras. O peso e a marca que carregamos por estar em um suposto corpo feminino. Losandro Tedeshi (2018) conta que todas as memórias e experiências vividas por mulheres foram possíveis de serem ouvidas e lidas devido à solidariedade compartilhada por elas. Essas pinturas demonstravam isso, uma dor que se transforma em luta, escuta, arte e é sentida por todas nós, em um fio que nos conecta à sensibilidade de estar mulher. Na cultura patriarcal é disseminada a ideia de que o gênero masculino tem poder e domínio sobre o feminino, esse último é subjugado e assim fica suscetível à violência (Balbinotti, 2018).

Quando olho cautelosamente percebo a raiz entrelaçada em tudo, as pesquisas apontam o Brasil como líder do *ranking* de cirurgias estéticas (ISAPS, 2019) e bizarramente todas as mulheres que me criaram fizeram cirurgias plásticas, com exceção da minha mãe que não tinha dinheiro, mas todas se submeteram a uma rinoplastia e/ou lipoaspiração, além de tentar obter o corpo ideal na academia. Michel Foucault (2013) analisa esse comportamento e compreende como a busca de um corpo utópico, as clínicas onde minhas tias foram e as academias que eu mesma frequento podem ser consideradas o lugar das heterotopias, onde entramos para ser transformados e aprimorados. Passei boa parte da minha vida odiando meu nariz, porque ele não se encaixava no padrão considerado bonito e sempre ouvia das mulheres que me criaram que só precisava disso para ficar perfeita. Ainda bem que não cheguei a modificá-lo, amo meu nariz e sinto que é uma característica singular. Mas também não as culpo, somos ensinadas a achar defeitos em nossos corpos e infelizmente, em muitos casos, reproduzimos os mesmos discursos que nos deixam desconfortáveis e inseguras.

E também havia os relatos compartilhados “naturalmente” pelas mulheres em conversas de família, uma agressão ali, outra aqui, um marido, pai ou avô que as batiam. São dores sofridas por corpos, pétalas, tão delicados, bonitos e únicos que, por serem assim na ótica da raiz patriarcal, parece motivo de serem rasgados e violados. São corpos invisíveis, como se não sentissem dor, não se sentissem invadidos, eu sei, você sabe, quando se é criança ou mulher, sentimos desconforto de habitar esse corpo frágil e os lugares que nos eram para segurar às vezes são os que mais nos fazem doer. Os dados de violências sofridas por mulheres e meninas na Amazônia Legal nos anos de 2018 a 2022 são alarmantes, aqui é uma das regiões com maiores índices de violência (Instituto Igarapé, 2023). Digo e trago dados da posição de mulher que ocupo, mas sei que essa raiz prende os corpos-homem, de terem que ser fortes, não poderem

demonstrar seus sentimentos, nem chorar. O corpo é potência, apesar de limitado, ele pode e muito.

Talvez por isso as palavras feitiços e encantamentos apareçam com frequência nas crônicas, são meios que nos ajudam a fugir do que machuca e aprisiona, para ir viver em águas profundas com Yaras, no ventre da floresta, sendo magnetizada pelo estranho, enxergando com olhos pretos e brilhantes de guaraná andando por caminhos invertidos de curupira.

****Nervuras e rizomas: entrenós****



****O mito da Amazônia: spoiler não é só floresta, tem gente que é filho dela****



Estava em chamada com um colega em um jogo *online*, ele perguntou de onde eu era, disse que era do Amazonas, então comentou “ah, você é uma amazônida”. Em seguida, perguntei o mesmo, ele respondeu que era do Mato Grosso, então falei “você também é amazônida!”. A chamada ficou em silêncio, suponho que ele ficou confuso com a afirmação. Acontece que na Amazônia, vista de fora, por cima, são enraizadas duas ideias, a de que só é “amazônida” quem nasce no **Amazonas** e de que aqui só existe a biodiversidade vegetal e animal, o animal-humano não está incluso como parte da fauna. Pois bem, a Amazônia brasileira é constituída por nove estados, Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Amapá, Roraima, Tocantins, Mato Grosso e parte do Maranhão (Vizolli e Sá, 2020). É muito amazônida! Eu sou uma amazônida-amazonense, mas entendo o colega, eu não me via como parte do ecossistema da grande Amazônia, porque eu habito outras Amazônias, meus pés pisam no concreto quase 100% do tempo, não vejo bichos, além do meu gato Flynn e cachorros da rua, vejo algumas copas de árvores que ainda restam. E como será a Amazônia vivida pelo colega do jogo *online*?

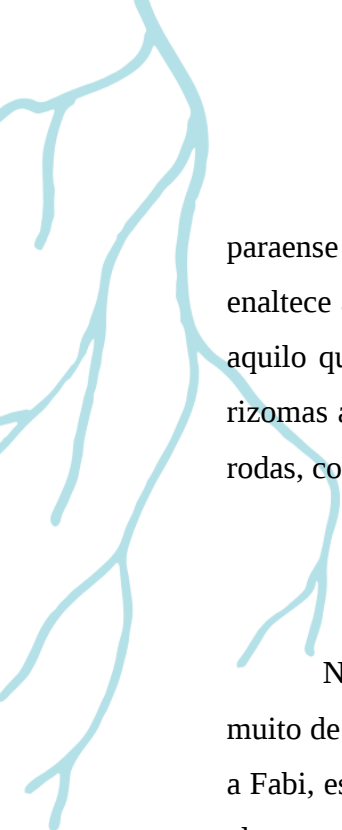
As vivências na graduação, pós-graduação e com a família do meu marido fizeram-me ver pertencente a isso. Tentei encontrar nas composições as Amazônias vividas no cotidiano, na arte, nas pesquisas, mas senti dificuldade. Navarrete e Amaral (2019) apontam a dificuldade de encontrar compositoras amazônidas, que nos diz de um apagamento. Acredito que nos resta o olhar de fora, que nos faz não nos enxergar como de dentro, mas, de qualquer forma, nas periferias. Mônica Costa (2017) nos convida a pensar na Amazônia de muitas línguas, sotaques, danças, artes, cidades e gentes. Uma Amazônia tocada e retocada pela urbanidade, quase como uma relação simbiótica metamórfica de gente-Amazônia.

Na composição de Lia Sophia⁹, é dito sobre uma mulher forte que cria seu próprio caminho e de intensa relação com a natureza, se denominando filha da floresta e que, se algo a provoca, ela faz pororoca¹⁰. Essa perspectiva nos traz uma mulher com uma escrita de si de ruptura com os estereótipos, demonstra a criação da subjetividade de uma artista, mulher LGBTQIA + amazônida. Trazendo mais desse feminino criativo, temos a professora e cantora

⁹Link da música “Eu me chamo Amazônia de Lia Sophia

<https://open.spotify.com/track/1laxBS29q4yE9emDEbdAw?si=YszEwhkDT1WGTvSI2oRCLQ>

¹⁰ Conforme o dicionário Oxford, pororoca é uma palavra pertencente ao vocabulário nortista para se referir ao fenômeno natural que se dá a partir do encontro do rio com o mar, causando ondas fortes.



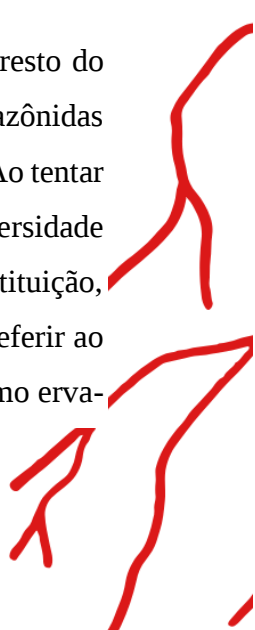
paraense Onete, que traz em suas canções e voz singular a força e resistência, em suas letras enaltece aquilo desprezado ou dito como inferior. Dona Onete é uma artista de si, transforma aquilo que vê, sente e ultrapassa os discursos que a poderiam lhe limitar, uma mulher com rizomas afro e indígenas, a mulher que faz Belém dançar e pular estando em uma cadeira de rodas, com músicas alegres, elas nos indicam outras possibilidades de (r)existências.

****Parintins, ilha de (em)cantos****

Nunca fui a Parintins, mas sinto, conheço, tenho amigos parintinenses, dá para conhecer muito de um lugar por meio das pessoas. Já falei sobre uma das crônicas, Kenny, tem também a Fabi, escreve com penas de pássaro, seus cabelos têm cor ao encontro das águas. Gosto que elas gostam de onde vieram, muitas pessoas do Amazonas não gostam de ser do interior, têm vergonha, mas o parintinense sente orgulho e saudades da sua terra. Vivo me encontrando e me despedindo deles, sempre que podem, voltam para a ilha encantada.

Lá ocorre o festival folclórico de Parintins, é um dos maiores eventos da região Norte, nele são expressos os mitos, lendas, histórias e tudo que envolve o imaginário amazônico. Mas tem uma coisa que me incomoda, a exposição dos corpos da mulher amazônida. A hipersexualização é algo normalizado nessas apresentações, assim como ocorre no Carnaval. As chamadas cunhã-porangas, Rainha do Folclore e Porta Estandarte são “representações” da mulher indígena amazônida como em uma vitrine, seus corpos expostos, enquanto a sinhazinha que representa a filha do fazendeiro usa vestidos que cobrem praticamente todo o corpo. Não imagino que o corpo da mulher indígena se limite à erotização, são corpos conectados com a floresta, peles pintadas por vermelho-urucum. Yorrana Barbosa e Ivânia Neves (2022) atribuem à colonização como o dispositivo por trás da produção e controle de subjetividade de latino-americanos, por meio dos estereótipos, estigma e opressões.

Como uma mulher amazonense, fico pensando no discurso repassado para o resto do país, o que as pessoas esperam quando vêm ao Amazonas? Como são as mulheres amazônidas que moram em Parintins que o estrangeiro espera encontrar? Seriam Fabis e Kennys? Ao tentar me colocar como uma estrangeira, estranho, ouço nas toadas a exaltação à força, diversidade amazônica, floresta, espiritualidade e outros elementos que fazem parte de nossa constituição, mas enxergo outra coisa. Amanda Garcia (2022) utiliza o termo *monocultura* para se referir ao saber hegemônico, no contexto do ensino, onde tudo que é diferente é considerado como erva-



daninha. E o que tem sido cultivado pelos discursos midiáticos sobre as amazônidas? A monocultura de corpos femininos erotizados e objetificados? E isso me preocupa, porque tudo isso é discurso, não é só o falado, mas o imagético, sonoro, escrito, vivido, tudo é discurso, sendo este um emaranhado de significados controlados para manutenção do poder por meio de variados dispositivos (Foucault, 2006). Como essas raízes se entremeiam em nossas constituições rizomáticas?

****Espécies de professoras (de) formadoras****

Ao me deparar no mestrado com algumas professoras Carol, Mônica, Viviane, Daniela, sorridentes e afetuosas. Segundo Daniel Calméis (2022, p. 49)

O sorriso é um convite a olhar o outro, indica-nos que vale a pena nos conectarmos com os olhos de outra pessoa. O sorriso produz na face um efeito de iluminação que compromete totalmente o rosto, por isso, não é fácil fingi-lo, pois não se trata apenas do arqueamento da comissura dos lábios: o sorriso pode ser visto no olhar.

Achei estranho, mas meu respeito e admiração por elas só aumentavam, nesse mix de sentimentos, observei “meus colegas respeitam e gostam dessas professoras então não existe só aquela forma que havia internalizado, enrijecida e inflexível de profissional”, de alguma forma isso me amoleceu. Talvez o intuito dessas professoras formadoras seja de deformar pela via da sensibilidade, singularidade e afetos. E por falar de afetos, estes são diversos, já ouvi uma amiga comentar que na escola em que trabalhava não podia ser próxima dos alunos, como não? Certa vez estava no estágio, uma criança chegou atrasada, sem mochila, apenas com o caderno, me deu um aperto no peito, aquela criança passava por algo, mas tinha que fazer a docência neutra e descontaminada, até hoje fico triste de pensar nesse aluno, poderia não ter sido evasiva, mas lhe oferecer uma conversa, um chocolate, um aperto de mão. Infelizmente, estava sendo a professora que achei que teria que ser e esqueci de dizer.

“A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano”.¹¹ (Fanon, 1952)

O lado sensível, que muito tem a ver com o “corpo” foi desqualificado em diversas eras, isso porque foi associado à fragilidade, vício, perversão, pecado, sentimentos e desejos que nos levam ao mal. O corpo foi visto como uma veste estranha da alma, essa ideia teve

¹¹ Frantz Fanon em seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, publicado originalmente em 1952.



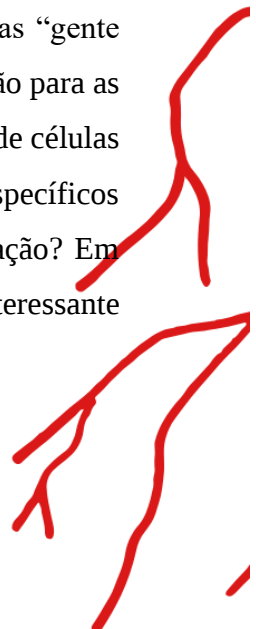
origem xamanísticas, enquanto no cristianismo foi constituído o discurso sobre o corpo de modo ambígua, uma hora sendo o corpo de Cristo e em outra a perda de si (Hermann, 2023). Como uma pessoa que foi até mesmo batizada, esses discursos estavam enraizados em meu corpo, mas com minhas vivências e estudos perderam espaço e passei a colocar esse mesmo corpo em experimentação, para me conectar com o sensível.

Na docência, o espaço para o sensível é valioso, visto que até os conhecimentos mais abstratos passaram pelo saber corporal, sensível, ou seja, antes de algo ser inteligível, foi primariamente tido como objeto sensível (Junior, 2000). O sensível me potencializa, antes de compreender-me algo, meu corpo sente, alerta-me e com isso me guia na vida. Foi meu corpo que sentiu que eu precisava encontrar outro modo de fazer pesquisa, percebia uma alegria e uma tristeza em diferentes disciplinas, um pesar e uma esperança, foi então que mudei o rumo. Recordo a música de Belchior “coração selvagem”, lançada em 1977, que conheci em 2024 aleatoriamente e me arrepiei inteira ao escutar a letra “Não quero o que a cabeça pensa, eu quero o que a alma deseja. Arco-íris, anjo rebelde, eu quero o CORPO.”.

E continua em outro trecho: “Meu bem, talvez você possa compreender a minha solidão. O meu som e a minha fúria, e essa pressa de viver. E esse jeito de deixar sempre de lado a certeza. E arriscar tudo de novo com paixão. Andar pelo caminho errado pela simples alegria de ser” (Belchior, 1977).

****Revisitando a pedra em que brotei****

Em Itacoatiara-AM, ocorre anualmente o Festival da Canção de Itacoatiara (FECANI), um evento regional e nacional voltado para manifestação cultural. Além da música, há outros meios artísticos de expressão (Gama, 2009). Esse é um dos festivais que fui poucas vezes, mas lembro de ouvi minha irmã comentar que não vinham cantores interessantes, apenas “gente daqui”. Esse estilo de pensamento é comum, somos sinalizados a olhar com admiração para as coisas de fora. Como ocorre na cultura de tecidos vegetais, para que um aglomerado de células totipotentes se torne uma estrutura, adicionamos no meio de cultura fitohormônios específicos para crescer raiz ou parte aérea. Que hormônios são acrescentados em nossa educação? Em nossas vivências? Que raízes brotam em solos de exaltação cultural em que se acha interessante e atrativo aquilo feito somente por pessoas de fora?

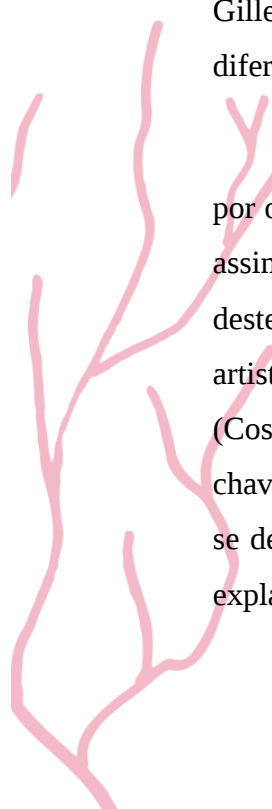




Por que não pensar em uma educação rizomática? Gilles Deleuze e Félix Guattari (2017) não se opõem às raízes ou à estrutura arbórea, mas criam outras anatomias de vidas que não se limitam ou se fixam em unidades centrais. A própria estrutura anatômica do rizoma é rica em multiplicidade, como a mangarataia que consumimos, aquele rizoma de formato estranho, que é ralado e colocado em nossos xaropes, que ouvimos no *busão*, na propaganda de cura do “ranranran da garganta”. Porque não possibilitar estar nas diferenças, se territorializar nas margens do que é nosso, produzido nas beiras dos rios, e nas margens de uma educação menor, além de ensinar as mesmas coisas e falar dos mesmos solos já explorados.

**** Do ventre que nasce inventividade****

Minha mãe tem um papel importante assimilo a ela como um endosperma, o tecido reserva nutritivo e dá vitalidade. Minha mãe me inspira vontade de ser uma artesã da vida. Nela enxergo uma força e desejo, esse último dito pela Marlucy Paraíso (2009) como base para aprender, criar, construir, se movimentar, enfrentar as barreiras da vida, o desejo como produção. Lembro de uma cena com a minha mãe, dentre as várias caminhadas de idas e vindas da escola, eu segurei algo como uma pasta de documentos, olhei para ela e disse “olha, mãe, quando tiver grande vou assim para a Universidade” e ela me incentivou. O meu desejo misturado com o dela ou de várias mulheres outras, que mesmo diante dos percalços, sonhamos com um futuro. Enxerguei também nas conexões que fiz com outras mulheres amazônidas distintas, que plantaram em mim uma ideia de inventividade e criatividade, cada uma ao seu modo. O desejo é como fitohormônio que sinaliza o momento de agir em busca da vitalidade. Gilles Deleuze e Félix Guattari (1973) apontam o desejo como produção, agenciamento, diferente do que é abordado em algumas perspectivas que associam o desejo à falta.



A artesanaria e inventividade, nutrida por minha mãe desde a infância, são abastecidas por outros encontros ao longo da vida. Artesania seria tornar a vida um projeto de arte, sendo assim somos artistas (Hall, 2015), não há “a arte imita a vida” é tudo o mesmo. Buscar desterritorializar a ideia de artista como aquele disposto nos discursos majoritários e nomear artistas menores, mulheres do cotidiano que possuem força coletiva e pintam e bordam a vida (Costa e Igreja, 2021). Sendo assim, nasce em mim a totipotência. A totipotência é um conceito chave na cultura de tecidos, é basicamente a capacidade de um tecido vegetal já diferenciado se desdiferenciar para se transformar em outro tecido (Souza *et al.* 2018), ou seja, um único explante pode ser múltiplo.

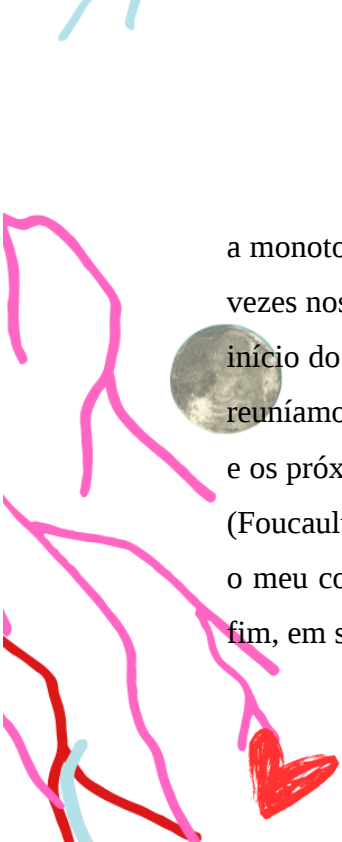
Se estava como mulher amazônida apagada, territorializada como algo de fora, posso (re)criar-me e ser diversas mulheres amazônidas. Se estava como professora-pesquisadora fechada, presa a um currículo, a um determinado tipo de comportamento considerado apropriado, aquele da mulher-professora que distribui leite materno (conhecimento) para todos, incansável e deliberadamente (Andrade e Carvalho, 2019) posso transformar-me e potencializar minha subjetividade em muitas outras formas de viver.

****Aterrar****



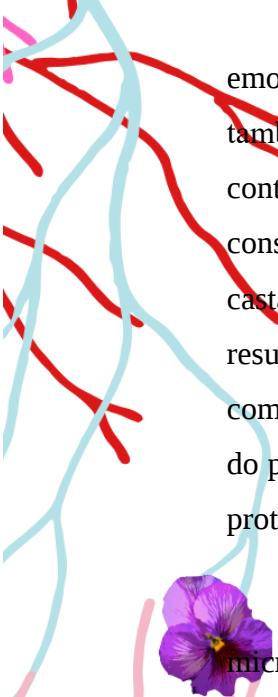
****Sobre contaminações, descanso e outras coisas****

Em duas viagens, uma a São Paulo e outra a Curitiba, estranhei duas coisas que para mim se relacionam. A primeira foi quando estava do lado “errado” da escada rolante, aquele lado era para as pessoas que estavam com pressa, logo fui chamada atenção pela minha amiga da época que morava lá. O segundo estranhamento foi na visita a Curitiba em dezembro, o hábito dos moradores é viajar para o litoral para as festas de fim de ano ou apenas ficarem em casa descansando. A cidade fica tranquila e vários estabelecimentos entram em recesso. Gostei, tinha ido para descansar, mas essa mesma amiga de São Paulo estava inquieta, indignada com

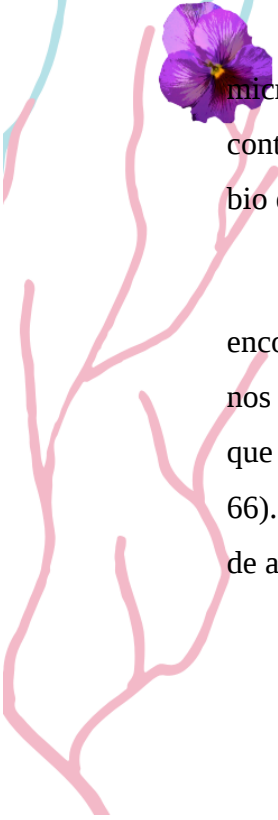


a monotonia e pacatez do lugar, reclamava pelos cotovelos. Dessas situações fui pensando, às vezes nossas raízes nos fixam, não permitindo explorar outros solos, outros estar no mundo. No início do mestrado, percebi corpos habitados por essa pressa, quando as aulas acabavam e nos reuníamos no refeitório para comer. As conversas eram sobre todas as demandas da disciplina e os próximos passos. Como uma forma de me cuidar, mesmo sem conhecer o “cuidado de si” (Foucault, 1985), escrevia, me exercitava e procurava descansar para que eu pudesse sentir com o meu corpo o mestrado. Estava no lado da escada rolante que aguarda que ela chegue até o fim, em sua própria velocidade.

“a ociosidade em nossa sociedade é vista como um desvio”
(Foucault, 2013, p.22)



Na universidade, são normalizados discursos de esgotamento físico, mental e emocional, narrativas que exaltam o alto desempenho, produtividade e falta de descanso. Tem também a “dedicação exclusiva” levada muito a sério pelos colegas, nada pode fugir do controle, o seu corpo, a sua bolsa e o seu tempo são exclusivos da pesquisa! O controle, considero a palavra dos cientistas, em minha experiência de 2 anos com o cultivo *in vitro* da castanheira, houve inúmeras tentativas para que não houvesse contaminação microbiana. Para resumo, seguíamos um protocolo de lavagens, uso de fungicidas de amplo espectro, ambiente com temperatura e luminosidade controladas, tecnicamente tudo perfeito. Depois de alguns dias do protocolo, lá estava novamente, fungos, na maioria das vezes. Tínhamos pressa para que o protocolo desse certo e os fungos tinham pressa para viver.



A vida de diferentes formas se manifesta, a planta ou o animal carrega em si microrganismos com os quais convive. Somos seres contamináveis e contaminantes, já fui contaminada pelos discursos de que posso ser uma máquina, mas meu corpo me lembra que sou bio e que não posso ser exclusiva para apenas uma coisa, me afeto por coisas outras.

Os afetos, como nos ensinam Baruch Spinoza e Gilles Deleuze são o que emerge no encontro entre corpos — corpos de sujeitos, corpos espaciais — e neles se desdobra a força que nos move. Assim, o que escrevo é fruto dessa dança contínua entre corpo e mente, uma escrita que nasce dos encontros, das enxertias entre corpos fluidos, moles e duros (Spinoza, 2023, p. 66). Tudo o que produz é uma simbiose viva, moldada por esses encontros, sempre permeada de afeto.

Penso em uma autoconstituição de mulher-professora-amazônida que considera a multiplicidade, subjetividade e singularidade de cada um, mesmo que haja currículos, regras, normas e outros dispositivos de discursos que tentam homogeneizar a vivência e formação de sujeitos humanizados. Para quem sabe assim, nesse entrenó, de espaço-tempo diferentes, se totipotencialize em modos estranhos de estar no mundo que fogem do controle.



Fonte: google imagem com efeitos produzidos pela autora, 2024.

Palmeira andante. Andar como árvore, sentir com caules, raízes e folhas. Passos kairos...

****O pó fertilizante****

Diante do meu encontro com a Escrita de Si, nesse meu processo de aprendizagem dos diferentes prismas da VIDA, aqui, acadêmico, sinto as transformações ecoando em minha existência, por isso digo “autoconstituição como mulher amazônida docente”. Os estranhamentos me potencializaram a me escrever por outros caminhos, a buscar uma docência sensível, que questiona e busca a diferença. Ao olhar para minha autoconstituição estão presentes em meus rizomas mães, professoras, avós, irmãs, mulheres cheias do devir-mulher, esse que não se prende ao gênero, mas é um deslocamento molecular de corpos condicionados à sujeição e com isso faz criar rotas de fugas e reinvenção. A pesquisa me fez abraçar a vida

como esse vagar noturno, de um lugar em que o desconhecido e o estranho se tornam fertilizantes para o crescimento, para a criação de novas realidades.

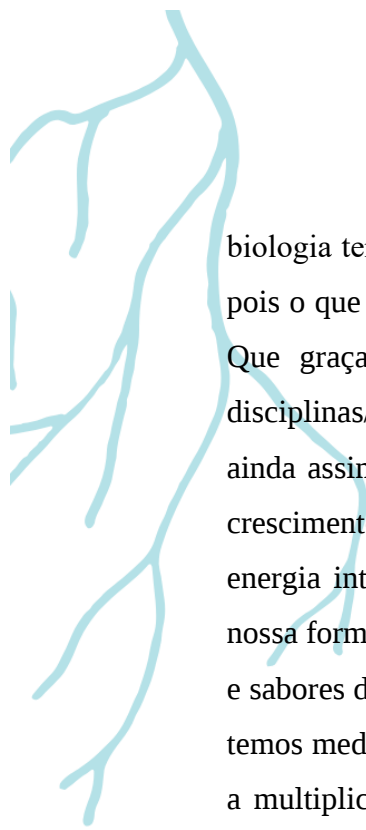
Foram muitos os estranhamentos. Primeiro, o estranhamento com a estrutura tradicional da educação, que frequentemente não contempla as vozes e experiências de mulheres como eu. Esse estranhamento me fez refletir sobre como a docência pode ser um ato de resistência e reinvenção. Encontrar nas teorias de Gilles Deleuze e Félix Guattari a ideia do rizoma foi revelador. O conceito de rizoma, com suas múltiplas entradas e saídas, me ajudou a entender minha própria (des)constituição como algo não linear, sempre em movimento, sempre em devir.

****Reflexões lendo o Pequeno Príncipe****

Era uma vez o pequeno príncipe conversando com um acendedor de lampião, neste planeta pequeno existia um regulamento que dizia para apagar e acender um lampião dia após dia, entretanto o planeta girava cada vez mais rápido e obrigava o lampião a apagá-lo e acendê-lo constantemente, indagado pelo príncipezinho o porquê fazia aquilo repetidamente o lampião responde “Não é para compreender, regulamento é regulamento”. E logo depois se queixa de que não consegue descansar, porque as noites duram um minuto e logo ele deve acender o lampião. O príncipe então pergunta se o regulamento havia mudado, segue a resposta: “O regulamento não mudou. Aí que está o problema! O planeta a cada ano gira mais depressa e o regulamento, não muda!” (Saint-Exupéry, 1943, p.73).

Na educação, digo de modo geral, como professora e aluna, estamos presos a um regulamento que não considera as transformações e mudanças e que tenta de toda forma hierarquizar e separar as “partes” da vida. Basta olhar com estranhamento para o currículo, na escola existem as áreas de conhecimento, sendo elas: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso, todos fragmentados para atender um ano letivo. Porém, na introdução surgem termos como “educação integral” “interdisciplinaridade”, como isso é possível? Como nós professores somos formados? De forma também compartimentada.

Na disciplina de mestrado direcionada para currículo, relatei minha indignação ao repassar a matéria “Projeto de Vida” para a professora de Biologia, a quem eu acompanhava no Estágio Supervisionado. Fui surpreendida com a resposta da professora Mônica, “Olha só,

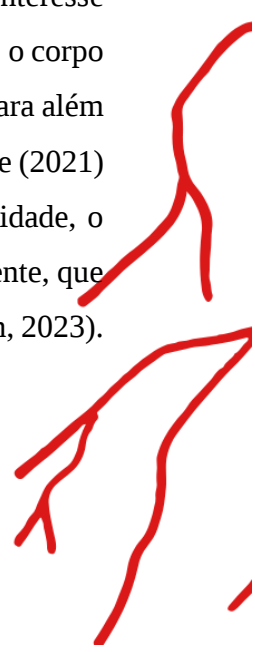


biologia tem tudo a ver com a vida!” Creio que minha expressão indignada escoadou na hora, pois o que aprendemos na primeira semana de aula é que Biologia significa o estudo da vida. Que graça, não é mesmo? O pensamento de árvore está presente em toda parte, as disciplinas/matérias são como as folhas presas a um caule, nutridas por algo em comum, mas ainda assim separadas, sem comunicação entre si aparentemente. Junior (2000) fala sobre o crescimento de especialistas e a diminuição de pessoas com saberes amplos, há um gasto de energia intelectual em compreender coisas desconectadas da vida. A amalgamação durante nossa formação docente, nos cega e impede de ver e experienciar as espécies, texturas, cheiros e sabores da (Bio)logia e de outras disciplinas. Nos conectamos tão fortemente com a raiz que temos medos de nos hibridizar com outras disciplinas e com a vida. Freitas *et al.* (2023) veem a multiplicidade na procura da interdisciplinaridade, sendo esse movimento o desejo de se conectar com o que é de fora da disciplina. Podemos até pensar nisso como um processo de desestratificação, o que pode um corpo-professora que não se limita ao seu espaço de formação? Qual a potência da multiplicidade no educar?

Eu sou uma bióloga que conheço a anatomia de uma planta, mas não consigo dizer sua espécie e para que serve, nem ao menos percebi meu equívoco em falar que estava errado a professora de Biologia ser responsável pelo itinerário formativo Projeto de vida. Da minha vivência e inquietação, posso deixar para reflexão o porquê de ser criado o “Projeto de Vida” se existe a Biologia e para quê fazer da vida um projeto? Por que não se preocupar em deixá-la interessante?

****O que regula a vida?****

No regulamento (currículo) da vida, a transgressão, inovação do pensamento e criatividade são vistos de forma negativa (Souza, 2012). Castra-se aquilo que potencializa o corpo, o conhecimento, a vida. Pensam-se, as instituições de educação, como objeto de interesse o cérebro da professora e da aluna e esquecem a complexidade que cada pessoa carrega, o corpo que eles trazem consigo. Além da tentativa de enquadramento. O que podemos dizer para além do regulamento? Ouso dizer de uma escuta do corpo mínimo, citado por Fernanda Rigue (2021) como aquele que foge do performático, representativo e dessensibilizado. A sensibilidade, o corpo, esse tão apagado, é compreendido como um objeto mecânico, que obedece à mente, que deve ser tratado por um médico, uma vez que ele é o especialista desse objeto (Hermann, 2023).



7

Durante as aulas de estágio à docência percebia como as professoras-regentes possuíam uma forma diferente de ver e tratar as alunas, era um relacionamento horizontal e de diálogo aberto, esse comportamento fez eu TORCER a ideia de docência que havia internalizado durante meus anos de graduação, ali eu conhecia um solo formativo fértil e acolhedor. Durante as minhas leituras e escrita desta dissertação, passei a reivindicar a minha docência, falo com convicção, sou professora, o que, antes para mim, parecia ser algo hipócrita, falso, compreendo que é um dos meus rizomas. Dalmaso (2021) fala do seu sentimento de potência com a linguagem, em que através dela nos encontramos com aquilo que está em nós e fora, sobre poder compor e inventar um mundo, no seu caso, a tese de doutorado, no meu, a minha dissertação. Sandra Corazza (2002) demonstra sua insatisfação com as verdades que nos contam sobre educação, ensino e professora e com tudo que tentam nos sujeitar. Mesmo com esses modelos, é possível transgredir as regras e buscar outros modos de pensar os corpos a partir dos afetos e encontros, as relações, a existência e a vida, por meio do devir-mulher (Costa e Igreja, 2021).

Diante disso, a pesquisa e docência na perspectiva pós-estruturalista dizem de uma invenção, mas não sendo algo fantasioso e simples, pois há dispositivos e discursos de poderes que nos colocam em posição de constante negociação. Assim como nesta dissertação não haverá respostas de como agir na docência, na pesquisa e na vida, digo apenas de construção de rotas, de se perceber como um corpo habitado por múltiplas ideias, que por vezes entra em contradição, mas que há uma potência para buscar o diferente.

**** (Des)roteiro Cultivo *in vitro* do/da professor(a) de Biologia****

Durantes alguns anos segui protocolos de assepsia e regeneração *in vitro*, não podia apresentar presenças de fungos e bactérias e na Universidade fui ensinada como uma professora dever ser e agir. Deixo um novo (des)roteiro, diferente dos que conhecemos, esse não precisa ser seguido à risca, se houver algum imprevisto ou aparecimento de outras vidas podemos criar COM eles, sem a necessidade de exterminá-los.

1. OBJETIVO GERAL

- Cultivar *in vitro* um(a) espécie nativa professor(a) de Biologia, em proliferação de rizomas.

2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estabelecer um protocolo de contaminação da espécie vegetal *professoris biologiciae rhizomate*;
- Criar meio(s) de cultura com fito hormônios de crescimentos deformadores;
- Colorir os caules, folhas e rizomas.

3. MATERIAIS E MÉTODO

- Tubo de ensaio ou um terreno baldio, um vaso, um terreiro, um terrário, uma pedra etc...
- Sementes de *professoris biologiciae*.
- Becker.
- Bastão de vidro.
- Câmara de fluxo laminar.
- Bisturi.
- Hormônios desreguladores.
- Produtos contaminantes (afetos –alegres e/ou tristes-).
- Hipo(cor)ito.

4. Estabelecimento de rizomas

- Monte o meio de cultura, tudo o que dá ou tira potência de vida.
- Corte, torça, quebre, puía, arranque os explantes.
- Inocule no meio de cultura.
- Deixa nascer.

Despedida: por um até breve

Me encontro e reencontro

Olhos nostálgicos veem a vida com melancolia e doçura

Sentirei falta, vida, vidar

Tudo vai passar

Mas vai soar o ritmo

Das dores uma torção, o amor
Minhas memórias as guarde e invente com elas

Modos de estar, vir a ser

Fiz as pazes com as palavras e criei vidas

Daqui pari uma amazônida, uma mulher, uma docente, uma pesquisadora...

Eu a repetirei, quantas vezes for necessário

“E haverá outro modo de salvar-se? Se não o de criar as próprias realidades...”¹²

Deixo o convite a pensar e a sentir a docência, a biologia e as relações em suas potências de experimentação e reinvenção. Esse caminho não busca respostas definitivas ou ideias de ver e dizer de formas fixas, mas se desenha nos movimentos rizomáticos, nas pulsões de vida, no entrelaçamento de histórias e encontros que atravessam um corpo-professora-feminino-amazônida, que se refaz e se hibridiza com outros seres. É um convite a habitar o não saber, não como ausência ou ameaça, mas como espaço fértil de invenção.

Neste percurso, a suposta ideia única de amazônida, o nó, foi puído e da cultura de tecidos surgiu espécies amazônidas múltiplas, que se encontram, se misturam, se desfazem e se refazem, desafiando qualquer tentativa de assepsia. Na sala de aula, na escrita e na vida, o corpo se manifesta para além de categorias e funções, enquanto sujeito e objeto de experimentações que criam novas formas de viver e ensinar biologia. Reafirmamos o desejo de sonhar a educação e a ciência como territórios abertos à dúvida, ao estranho e ao novo. Que possamos cultivar uma docência que se permita ser rizomática, híbrida, viva e lunar, que se encante, se deixe enfeitiçar pelo estranho e escuro.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elenise Cristina Pires de; CARVALHO, Daniela Franco. Vermelhos ritmos e (m) biologias: sonoridades de ruptura com o esperado na singularidade de viver mulher. **ETD Educação Temática Digital**, v. 21, n. 4, p. 926-940, 2019.

¹² Lispector, C. (1978). *Um sopro de vida (Pulsões)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

AMAZONAS. **Referencial Curricular Amazonense**, 2019. Disponível em: < <https://www.sabermais.am.gov.br/pagina/jornada-pedagogica-2020-referencial-curricular> > Acesso: 05/05/2024.

BARBOSA, Yorranna Suilan Oliveira.; NEVES, Ivânia dos Santos. Dona Onete e sua interseccionalidade: a fissura no discurso colonial na contemporaneidade. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 58, p. 40-56, 2021.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**, 2010.

BARROS, Manoel de. “**Matéria de Poesia**”. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 32.

BALBINOTTI, Izabele. A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo. **Revista da ESMESC**, V.25, n. 31, p.239-264, 2018.

BERTO, Danila Faria. À beira do abismo: entre literatura e escrita de si em Clarice Lispector. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BUTLER, Judith. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo". In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 153-72.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

CARDOSO, Marilete Calegari. A arte do sensível na docência universitária: narrativas poéticas acerca do brincar de estudantes de pedagogia. **Revista de Iniciação à Docência**, v. 5, n. 1, p. 70-83, 2020.

CALMÉLS, Daniel. *Infâncias do corpo*. Tradução de Júlio César da Silveira Rodrigues. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2022.

CHAVES, Silvia Nogueira. Docência: espaço de experimentação e formação. **Em Aberto**, v. 35, n. 115, 2022.

CORAZZA, Sandra Mara. O que quer um currículo. **Pesquisas pós-críticas em educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisa-ensino: o “hífen” da ligação necessária na formação docente. **Professora-pesquisadora: uma práxis em construção**, v. 2, 2002.

COSTA, Gilcilene Dias da e IGREJA, Fabíola de Fátima. Devir-mulher e educação múltipla: cartografias clariceanas. Revista Estudos Feministas [online]. 2021, v. 29, n. 3 [Acessado 13 Julho 2024], e71499. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n371499>>. Epub 22 Nov 2021. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n371499>.

COSTA, Mônica de Oliveira. A Amazônia é aqui?: redes que tecem a Amazônia discursiva no ensino de Ciências. 2017.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 2.ed. Lisboa, Assírio Alvim, 2007.

ESPERANÇA, Angelo Cabral.; SILVA, Iolete Ribeiro da; GOMES, Fábio Alves. As trajetórias escolares de sujeitos LGBTQIA+ amazônidas: possibilidades críticas para a formação de professores. **Revista e-Curriculum**, v. 21, 2023.

ESPOSITO-POLESI, Natalia Pimentel. Contaminação versus manifestação endofítica: implicações no cultivo in vitro de plantas. **Rodriguésia**, v. 71, p. e00562018, 2020.

FIRMINO, Flávio Henrique.; PORCHAT, Patrícia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 19, n. 1, p. 51-61, 2017.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp.129-160.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico; As heterotopias. Trad. Salma Tannus Muchail (Edição bilíngue). São Paulo: n-1.Ed.2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42ªedição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

FREITAS, Beatris Pizoni et al. UM LABIRINTO SEM COMEÇO E NEM FIM: RIZOMA OU EDUCAÇÃO?. **Revista de Extensão**, v. 8, n. 1, 2023.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, 2002.

GAMA, Eder de Castro. **Festival da Canção de Itacoatiara (FECANI): o local e o regional na perspectiva de um evento musical na Amazônia**. 2009.

GARCIA, Amanda Veloso. A filosofia erva-daninha como uma proposta para a descolonização de saberes na educação e resistência aos desafios contemporâneos. **Educação e Filosofia**, v. 36, n. 77, p. 685-728, 2022.

GOUVÊA, Raquel Valente de. O corpo do improvisador. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 2, n. 19, p. 083-091, 2012.

HALL, Stuart. A identidade em questão. **A identidade cultural na pós-modernidade**, v. 10, 2006.

Claro, aqui está a referência conforme as normas da ABNT para o livro mencionado:

HERMANN, Nadja. O insondável corpo na Ética. **Coleção Fronteiras da Educação**. São Paulo: Editora (nome da editora), 2023. ISBN 978-85-419-0378-3.

HOFFMANN, Ana Cleia Christovam. **Pinturas de si: moda e artesanaria da existência**. 2015.

HUTTA, Jan Simon. Territórios afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n. 42, p. 63-89, 2020.

KRAHE, Inês Bueno; MATOS, Sônia Regina da Luz. Devir-mulher como diferença. In: **CINFE-CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO**. 2010.

KRENAK, A. (2020). *Cadernos Selvagem: Biosfera* [Publicação digital]. Dantes Editora.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista reflexão e ação, Santa Cruz do Sul**, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011.

LEITE, Vinicius Souza Magalhães; MEIRELLES, Rosane Moreira Silva de. Perspectivas curriculares sobre a temática gênero e sexualidade no ensino de ciências e biologia: controvérsias no PCN e na BNCC?. **Revista Teias**, v. 22, n. ESPECIAL, p.28-47, 2021.

HIVINA MACHADO, CAROLINE OLIVEIRA, MONICA COSTA e MARIA FORSBERG; O discurso biológico na base nacional comum curricular e seus atravessamentos na questão de gêneros e sexualidade. **Revista Diversidade e Educação**, V. 12, n. 2, p. 266-288, 2024.

MANGUEIRA, Maurício; BONFIM, Eduardo Maurício da Silva. Força versus representação: o legado de Nietzsche na filosofia de Gilles Deleuze. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 55, p. 619-635, 2014.

MARTINS, Marília Frade.; SILVA, Lêda Valéria Alves. Por um currículo-fenda. **Revista Pindorama**, v. 12, n. 1, p. 8-8, 2021.

MELLINI, CAROLINA KIYOKO e OVIGLI, DANIEL FERNANDO BOVOLenta. IDENTIDADE DOCENTE: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE BIOLOGIA INICIANTEs. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte) [online]. 2020, v. 22 [Acessado 19 Julho 2024], e16364. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-21172020210117>>. Epub 03 Jun 2020. ISSN 1983-2117. <https://doi.org/10.1590/1983-21172020210117>.

NASCIMENTO, Daniel Braga.; SILVA, Vanessa Ramos. Gênero e decolonialidade: masculino e feminino como imposição colonial. In BIACCHI, Eduardo; SQUEFF, Tatiana; BRANDÃO, Clarissa. DIREITOS HUMANOS, FEMINISMO E DECOLONIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017. p 235-251.

NAVARRETE, Ludimila Godoi.; AMARAL, Nair Ferreira Gurgel. Um olhar sob a perspectiva feminina da/na música amazônica. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade-Igarapé**, v. 12, n. 2, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. *Para além do bem e do mal*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

OLIVEIRA, Caroline Barroncas.; COSTA, Mônica de Oliveira.; AIKAWA, Monica Silva. Retrato da autobiografia enquanto coisa. **Revista ClimaCom, Ciência. Vida. Educação**. n. 24, p. 1-24, 2023.

PASSEGGI, Maria.; NASCIMENTO, Gilcilene.; OLIVEIRA, Roberta Antunes Medeiros. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, n. 33, p. 111-125, 2016.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo, desejo e experiência. **Educação e Realidade**, v. 34, n. 02, p. 277-293, 2009.

PARAÍSO, Marlucy Alves.; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. Apresentação. In: PARAÍSO, Marlucy Alves.; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. (Orgs.). Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, p. 13-21

PIMENTEL JÚNIOR, Clívio; CARVALHO, Maria Inez da Silva de Souza; SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. Pesquisa (auto) biográfica em chave pós-estrutural: conversas com Judith Butler. **Práxis Educativa**, v. 12, n. 1, p. 203-222, 2017.

POMPEU, Daphne Chrisley Brandão. **Entrelinhas**: Comentários dos estados de atuação nos espetáculos “O que acontece no final?” e “Cabaré Chinelo”. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teatro). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2023.

RIBEIRO, Luiz Paulo; COSTA, Mariana Esteves. “Eu não dou conta disso”: representações sociais de professores da educação básica sobre alunas travestis e transexuais. **Diversidade e Educação**, v. 10, n. 2, p. 268-293, 2022.

RIGUE, Fernanda Monteiro (org.). *Rizomas em educação*. 1. ed. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2021. ISBN 978-65-87199-60-3.

ROSSI, Fernanda; HUNGER, Dagmar. Identidade docente e formação continuada: um estudo à luz das teorias de Zygmunt Bauman e Claude Dubar. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 101, p. 313-336, 2020.

SACRISTÁN, José Gimeno. O que significa o currículo. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, p. 16-35, 2013.

SAPS. ISAPS international survey on aesthetic/cosmetic procedures performed in 2019. 2019. Disponível em: <https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2020/12/Global-Survey-2019.pdf>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial, e-cadernos ces [Online], 18 | 2012. Disponível em . Acesso em 13 jun. 2023.

SEIDEL, Verônica Franciele. Da singularidade à polifonia: uma proposta de releitura da teoria bakhtiniana. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 17, p. 39-57, 2021.

SETEMBRINO, Argus; DE SANTANA GIMENES, Lucio Flavio. Uma perspectiva esquizoanalítica do conhecimento: notas acerca da relação entre corpo, desejo e percepção. **Praxia-Revista on-line de Educação Física da UEG**, v. 2, p. e2020004-e2020004, 2020.

SIMAS, Antonio Luiz; RUFINO, Luiz. Encantamento sobre política de vida. 2.ed. Mórula Editorial, 2020.

SOUZA, Elaine de Jesus; DORNELLES, Priscila Gomes; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Corpos que desassossegam o currículo de biologia:(des) classificações acerca de sexualidade e gênero. **Revista e-Curriculum**, v. 19, n. 1, p. 278-300, 2021.

SOUZA, Hemilly Cerqueira; ARTEAGA, Juan Manuel Sánchez. Possíveis contribuições das epistemologias feministas para o ensino de ciências. **ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS**, X, p. 1-8, 2015.

SOUZA, Julio Cezar de et al. Produção de metabólitos secundários por meio da cultura de tecidos vegetais. 2018.

SOUZA, Rodrigo Matos. Rizoma deleuze-guattariano:: representação, conceito e algumas aproximações com a educação. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, (18), 234-259. 2012.

SOUZA Juliana Brandão de, Dias Viviane Borges. Uma revisão bibliográfica sobre a construção da identidade docente no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência na formação inicial de professores de Ciências e Biologia. *Ciênc educ (Bauru)* [Internet]. 2022;28:e22023. Available from: <https://doi.org/10.1590/1516-731320220023>

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2023.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Por uma história menor-uma análise deleuziana sobre a história das mulheres. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, p. e46069, 2018.

VIZOLLI, Idemar; DE SÁ, Pedro Franco. Um estado do conhecimento em relação a formação continuada para professores que ensinam matemática nos anos iniciais do ensino fundamental na Amazônia Legal Brasileira. **REAMEC-Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, v. 8, n. 3, p. 650-669, 2020.